

REVISTA DE ARTETERAPIA DA AATESP





Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo – **AATESP**

ISSN 2178-9789

REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP

Publicação: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

APRESENTAÇÃO

A Revista Arteterapia da AATESP é uma publicação científica da Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, disponível no site da AATESP- www.aatesp.com.br . Foi iniciada no ano de 2010 com o intuito de acolher as produções advindas dos associados e demais autores interessados na difusão e aprofundamento do conhecimento na área de Arteterapia, com periodicidade semestral.

LINHA EDITORIAL

A Revista Arteterapia da AATESP tem como objetivo publicar trabalhos que contribuam para o desenvolvimento do conhecimento no campo da Arteterapia e áreas afins. Busca incentivar a pesquisa e reflexão, de cunho teórico ou prático, acerca da inserção da Arteterapia e de seus recursos nos diversos contextos na atualidade, contribuindo para o aprofundamento da compreensão sobre o ser humano, a Arteterapia e suas relações.

GRUPO EDITORIAL

Contato: textos.aatesp@gmail.com

Editora:

Dra. Leila Nazareth

Conselho Editorial:

Dra. Leila Nazareth

Ms. Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti – AATESP

Esp. Maria Angela Gaspari

Dr. Sandro Leite

Conselho Consultivo: completar

Dra. Ana Cláudia Afonso Valladares – ABCA – FEN-UF

Ms. Artemisa de Andrade e Santos – UFRN/ASPOART

Dra. Barbara Elisabeth Neubarth – Secretaria da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul/AATERGS

Ms. Claudia Regina Teixeira Colagrande – AATESP

Dra. Cristina Dias Allessandrini – Alquimy Art

Ms Dilaina Paula dos Santos – AATESP

Dra. Irene Gaeta Arcuri – UNIP

Ms. Lídia Lacava – ISAL / Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Marcia Bertelli Bottini - ASPOARTE

Ms Marcieli Cristine do Amaral Santos - AATESP

Ms. Mailde Jerônimo Trípoli – CEFAS-Campinas

Dra. Maria de Betânia Paes Norgren – Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Mônica Guttmann – Instituto Sedes Sapientiae

Dra Paola Vieitas Vergueiro - INIP

Dra. Patrícia Pinna Bernardo – UNIP

Dr. Sandro Leite – FMU

Dra. Selma Ciornai – Instituto Sedes Sapientiae

Dra. Sonia Maria Bufarah Tommasi – Arte sem Fronteiras/Faculdade Avantis



Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo – **AATESP**

Ms. Tania Cristina Freire - AATESP

Dra. Tatiana Fecchio da Cunha Gonçalves – Escola Castanheiras

Capa, Diagramação, Editoração e Revisão de Texto

Ana Alice Nabas Francisquetti

Deolinda Maria da Costa Florim Fabiatti

Leila Nazareth

Maria Angela Gaspari

Sandro Leite

Ressalva

Os artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores e as opiniões e julgamentos neles contidos não expressam necessariamente o pensamento dos Editores ou Conselho Editorial. Citação parcial permitida, com referência à fonte.



Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo – **AATESP**

ISSN 2178-9789

REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP

Publicação: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Diretoria – Gestão 2019-2020

Diretora Gerente

Dilaina Paula dos Santos

1ª Diretora Adjunta

Regina M, H. Chiesa

2ª Diretora Adjunta

Patricia Pinna Bernardo

1ª. Secretária

Marcia Cistina de Aguiar

2ª. Secretária

Soraya de Carvalho Lucato

1º. Tesoureira

Cristina de Barros Shigueru

2ª Tesoureira

Eliana Cecili Ciasaca

Conselho Fiscal

Claudia Brittes Tosi

Teresa Kan Teng

Valéria G. da Cruz Montaro

Revista

Leila Nazareth

Sandro Leite

Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti

Maria Angela Gaspar



Sumário

Desenhos, bordados e histórias: instrumentos arteterapêuticos para o cuidado do ser humano Leila Nazareth	02
Arteterapia e o público infantojuvenil: a autoimagem representada por crianças e adolescentes com doença crônica Cleciane Santos de Sousa¹ Ana Cláudia Afonso Valladares-Torres² Diane Maria Scherer Kuhn Lago³ Adriana Maria Duarte⁴	05
Arte, Memória e Ancestralidade: Bordando memórias Tania Cristina Freire	31
Contar Histórias: Uma Voz Simples Que Tece Emoções Alessandra Giordano	45
De Torres, Teares e Tendas: Correlações entre o Feminino e o Tecer à luz da Psicologia Analítica Oneide Regina Depret	69
As Tarefas do Humano na Fase Jovem/Adulto Modulações Permeadas pela Arteterapia em um Tempo e Espaço Lidia Lacava	93
NORMAS	110

Editorial

Desenhos, bordados e histórias: instrumentos arteterapêuticos para o cuidado do ser humano

Leila Nazareth

A Revista de Arteterapia da AATESP, em seu décimo volume, honra-se em apresentar ao nosso público leitor uma surpreendente coleção de textos instigantes, que colocam em evidência o alcance e a efetividade do trabalho arteterapêutico em diferentes cenários. Contamos com um artigo original e com mais quatro, que resultaram de apresentações no I Congresso Paulista de Arteterapia/ IX Fórum de Arteterapia da AATESP, em 2019.

O artigo original, de autoria de Cleciane Santos Sousa, Ana Cláudia A. Valladares-Torres, Diane M.S.K. Lago e Adriana M. Duarte, **Arteterapia e o público infanto-juvenil: a autoimagem representada por crianças e adolescentes com doença crônica**, busca verificar se o Desenho da Figura Humana (DFH), obtido a partir do desenho-história, pode servir como uma estratégia de comunicação desse público. As autoras procuram compreender também, se o DFH pode ser um acesso ao mundo subjetivo da clientela em pauta e favorecer a humanização dos cuidados a ela. O material é ricamente ilustrado pelos desenhos e relatos das crianças e adolescentes, colocando em evidência como a doença é vivenciada, além das expectativas e sonhos das referidas crianças e adolescentes. O artigo constitui uma leitura imprescindível ao arteterapeuta que atende crianças e jovens com problemas graves de saúde.

Tania Cristina Freire, no artigo **Arte, memória e ancestralidade: bordando memórias**, traz um estudo sobre a memória, partindo da visão filosófica até as recentes concepções das Neurociências e sua importância no campo da Arteterapia. A discussão é direcionada para o trabalho arteterapêutico de bordado com idosos em Centro de Convivência. O bordado mostrou-se potente no resgate de memórias implícitas e explícitas, tanto de pacientes como da terapeuta.

No artigo **Contar histórias: uma voz simples que tece emoções**, Alessandra Giordano aborda os contos de tradição oral como instrumento do processo arteterapêutico. Aliados a conceitos da Psicologia Analítica, os contos de tradição oral levam à ampliação da consciência e à superação de conflitos, dando visibilidade ao mundo interno, fazendo-se necessários em um mundo com tão grande predomínio tecnológico.

De torres, teares e tendas: correlações entre o feminino e o tecer à luz da Psicologia Analítica, de Oneide Regina Depret também dedica-se ao estudo das histórias como instrumento arteterapêutico. Aqui é contemplada uma história contemporânea de cinema: o filme **Colcha de Retalhos** é analisado. A teoria que fundamenta a discussão é a Psicologia Analítica. A autora ainda nos oferece algumas propostas de atividades arteterapêuticas com fios, a partir de histórias cujas protagonistas são tecelãs.

Encerrando o número, **As tarefas do humano na fase jovem/adulto: modulações permeadas pela Arteterapia em um tempo e espaço**, de Lídia Lacava



apresenta a Arteterapia com fundamentação na Gestalt-terapia como uma possibilidade de atuação em processos terapêuticos de jovens e adultos. O artigo contribui para a compreensão dessa etapa do ciclo de vida, mesclando os conteúdos teóricos com exemplos de casos clínicos.

Desejamos aos leitores uma proveitosa leitura e convidamos todos a partilhar conosco suas reflexões, estudos de caso e demais contribuições para a fundamentação teórica de nossa profissão.

Artigo Original

Arteterapia e o público infantojuvenil: a autoimagem representada por crianças e adolescentes com doença crônica

Art therapy and the child and adolescent public: the self-image represented by children and adolescents with chronic disease

Cleciane Santos de Sousa¹

Ana Cláudia Afonso Valladares-Torres²

Diane Maria Scherer Kuhn Lago³

Adriana Maria Duarte⁴

Resumo

O câncer é a doença crônica que gera forte impacto na vida de crianças e de adolescentes. O objetivo geral do estudo foi analisar a vivência do público infantojuvenil portador de doenças crônicas e graves e avaliar as características dos Desenhos da Figura Humana confeccionados por eles. Estudo descritivo, de abordagem qualitativa, foi realizado em uma Casa de Apoio a pessoas com câncer, com a participação de dezessete crianças e adolescentes entre seis (6) e dezesseis (16) anos com doenças crônicas. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e um desenho-história a partir do Desenho Projetivo da Figura Humana. A análise foi realizada a partir dos desenhos e da transcrição das histórias e das informações obtidas pelas entrevistas, que possibilitaram a identificação de categorias. Emergiram três categorias, a saber: as imagens reveladoras da subjetividade

¹Graduanda em Enfermagem pela UnB. Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: cleciane75@gmail.com

²Doutora em Enfermagem Psiquiátrica pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Enfermeira e Arteterapeuta, registro n.001/01003 da Associação Brasil Central dArteterapia. Professora Adjunto da Universidade de Brasília (UnB). Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: aclaudiaval@unb.br ou aclaudiaval@terra.com.br

³Doutora em Enfermagem pela UnB. Enfermeira e Psicanalista. Professora Adjunto da UnB. Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: diane@unb.br

⁴Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Professora Adjunto da UnB. Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: adrianaduarte@unb.br

interna e atual dos participantes; a visualização de repercussões negativas frente ao futuro; a projeção de sonhos positivos para o futuro. Oferecer um instrumento de melhor comunicação como o Desenho-História a partir do Desenho Projetivo da Figura Humana pode ser uma linguagem de comunicação mais acessível para que as crianças e adolescentes informem mais naturalmente suas reais necessidades e demandas, o que facilita planejar um cuidado mais humanizado e de melhor qualidade.

Palavras-chave: Oncologia Infantojuvenil. Arteterapia. Autoimagem. Desenho da Figura humana

Abstract

Cancer is a chronic disease that has a strong impact on the lives of children and/or adolescents. The general objective of the study was to analyze the experience of children and adolescents with chronic and severe diseases and to evaluate the characteristics of the Human Figure Drawings made by them. Descriptive study with a qualitative approach, conducted in a Support House for people with cancer, with the participation of seventeen children and adolescents between six (6) and sixteen (16) years old with chronic diseases. Semi-structured interviews and a story-design were conducted from the Human Figure Projective Drawing. The analysis was performed from the drawings and the transcription of the stories and the information obtained from the interviews, which enabled the identification of categories. Three categories emerged, namely: the revealing images of the participants' internal and current subjectivity; the visualization of negative repercussions on the future; the projection of positive dreams for the future. Offering a better communication tool such as Story-Drawing from Human Figure Design Drawing can be a more accessible communication language for children and adolescents to more naturally inform their real needs and demands, which makes it easier to plan care more humanized and better quality.

Keywords: Childhood Oncology. Art therapy. Self image. Human Figure Drawing.

Introdução

A principal doença crônica não transmissível é representada pelo câncer. No Brasil, o câncer é a segunda causa de morte no âmbito infantil e está associada ao mal-estar geral, devido ao tratamento invasivo, que gera angústia e medo nos pacientes e familiares. O público infantil apresenta danos físicos e psicológicos desde o diagnóstico até o fim do tratamento do câncer (SILVA, 2017). Para o público adolescente que passa por uma fase de mudanças físicas, independência, planos para o futuro e busca por maior integração social, o diagnóstico e o tratamento do câncer significariam a perda e a paralisação desse desenvolvimento normal, o que pode gerar dor, sentimento de insegurança, revolta e impotência perante a vida (IAMIN; ZAGONEL, 2011).

Da mesma forma, gera forte impacto na imagem e aparência corporal das pessoas, devido à alopecia, à perda de peso, apatia, mal-estar proveniente do tratamento, podendo levar a uma baixa autoestima. As mudanças corporais naturais da adolescência aliadas às mudanças corporais impostas pela doença e tratamento do câncer podem agravar ainda mais as questões emocionais e interferir na autoimagem e na formação de identidade dos mesmos (IAMIN; ZAGONEL, 2011).

Faz-se necessário utilizar atividades que possibilitem às crianças brincarem e expressarem o que estão sentindo para, conseqüentemente, aderirem mais ao tratamento (SILVA, 2017). Foi visto que os adolescentes usam como estratégia de enfrentamento conversar com alguém, no entanto cabe ao profissional de saúde possibilitar um ambiente no qual eles possam compartilhar, escutar, promover a

expressão de emoções e sentimentos, ajudando assim os adolescentes a desenvolverem respostas adaptativas a situação da vivência com o câncer (IAMIN; ZAGONEL, 2011).

As crianças e adolescentes podem comunicar-se mais facilmente por meio da arte, pois a produção artística favorece uma saída para a expressão de emoções e de sentimentos subjacentes de maneira mais natural e espontânea (VALLADARES-TORRES, 2015; 2016; SOUSA *et al.*, 2017; OLIVEIRA *et al.*, 2019).

A Arteterapia as ajuda a desenvolver habilidades de enfrentamento do câncer, pois vários estudos têm mostrado a eficácia da mesma em amenizar os efeitos negativos e as crianças e adolescentes exibem sintomas e comportamentos melhorados após a intervenção arteterapêutica, além de favorecer a qualidade de vida e um plano de cuidados mais humanizado para o público infantojuvenil com diagnóstico de câncer (LIMA *et al.*, 2017; MECHTEL; STOECKLE, 2017; AJAMIL, 2018; COUNCILL; RAMSEY, 2019).

A projeção gráfica da imagem corporal envolve aspectos diversos e expõe três tipos de projeções: a primeira, que definem como os indivíduos se veem, isto é, o autorretrato ou o próprio “eu”; o segundo tipo seria o eu ideal, e o terceiro, em como acreditam serem vistos por outras pessoas (RETONDO, 2000; CASARIN *et al.*, 2016).

Questiona-se: será que o Desenho da Figura Humana (DFH), isto é, da autoimagem, a partir do desenho-história (D-H) pode ser uma ferramenta avaliativa no contexto da Arteterapia e servir como uma linguagem de comunicação do público

infantojuvenil? Será possível, também, conhecer e entender o que se passa no mundo subjetivo dessa população e favorecer com cuidados mais humanizados na assistência à saúde por meio do DFH?

Dessa forma, o objetivo geral do estudo foi analisar a vivência do público infantojuvenil portador de doenças crônicas e graves por meio dos Desenhos da Figura Humana confeccionados por ele. Buscou-se, ainda, caracterizar o perfil sociodemográfico e clínico do público infantojuvenil pesquisado.

Método

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, de natureza qualitativa, desenvolvido em uma Casa de Apoio para crianças e adolescentes com câncer. Participaram da pesquisa dezessete crianças e adolescentes com seis a dezesseis anos e que estavam disponíveis e orientadas. Foram excluídas as crianças e adolescentes portadores de deficiência mental grave, sob efeito de hipnóticos e sedativos ou que apresentassem comprometimento motor, cerebral ou visual graves. Na faixa etária superior a seis anos, a criança e adolescente já se encontra em estágio maturacional caracterizado por mais independência física e motora e com compreensão intelectual melhor das atividades e dos instrumentos a serem desenvolvidos e melhor expressão da linguagem verbal e simbólica pelos desenhos (RETONDO, 2000; COGNET, 2014, RABELLO, 2014).

A coleta de dados ocorreu de fevereiro a novembro de 2018 e as atividades foram realizadas de forma individual, com duração total de, aproximadamente, duas

horas com cada participante. Realizou-se uma entrevista com os responsáveis (mães) para preencher o questionário sociodemográfico e clínico dos participantes; já com as crianças e adolescentes, os dados foram coletados por intermédio de um D-E a partir do DFH e, posteriormente, foi realizada uma entrevista por meio de um questionário sobre o desenho.

No questionário sociodemográfico e clínico, levou-se em consideração a faixa etária, sexo, diagnóstico clínico, tipo de tratamento e impacto da doença sobre os participantes e esses dados foram analisados de forma descritiva e apresentados em forma de Quadro.

Adotou-se neste estudo a definição do público infantojuvenil de acordo com o Brasil (2011), que determinou que a faixa etária que abrange a infância é de zero a nove anos de idade; já a adolescência é dos dez aos dezenove anos de idade. Assim, conforme essa definição, trabalhou-se nesta pesquisa com oito crianças e nove adolescentes, um total de dezessete participantes, sendo treze do sexo masculino e quatro do feminino.

Cada D-E elaborado foi composto por duas imagens de DFH, a saber: o *Eu* no presente e o *Eu* no futuro. O D-E permite que o participante exponha pensamentos, sentimentos, necessidades, demandas, medos de forma lúdica e facilita que se aprofunde nas histórias do inconsciente dos seus autores (TRINCA, 1997). Os dados do desenho projetivo foram sistematizados em tabela conforme roteiro de Valladares-Torres (2015), composto por oito itens para auxiliar na avaliação das imagens: descrição geral do trabalho, criatividade, cores, outras características do desenho,

nível de desenvolvimento, omissões ou inclusões de elementos e expressão da integração da personalidade pelo DFH. Os símbolos foram analisados sob aspectos qualitativos à luz da Psicologia Analítica de C. G. Jung (FURTH, 2013), com o apoio dos desenhos projetivos (COGNET, 2014; RETONDO, 2000) e do desenvolvimento gráfico (RABELLO, 2014).

No questionário sobre o desenho, adotaram-se três questões norteadoras, além do título do trabalho: Quais as características dos personagens, como idade, sexo, quem é e o que está fazendo? Conte-me uma história sobre o desenho produzido. O que representam estas imagens para você?

Após a análise dos desenhos juntamente com as respostas das questões norteadoras, foi possível identificar três categorias, a saber: **as imagens reveladoras da subjetividade interna e atual dos participantes; a visualização de repercussões negativas frente ao futuro; a projeção de sonhos positivos para o futuro.**

Este estudo é um subprojeto de pesquisa intitulada: “A Arteterapia e o câncer infantojuvenil” que foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde (CEP/FEPECS) sob o CAAE nº 58435216.0.0000.0030. Os participantes e seus responsáveis (mães) autorizaram a realização da pesquisa por meio dos Termos de Assentimento e Consentimento Livres (TALE) e Esclarecidos (TCLE). Levaram-se figuras impressas de super-heróis e cada participante escolheu um super-herói com quem mais se identificava que, por motivos éticos, foram adotados ao longo da pesquisa.

Resultados e Discussão

A distribuição das crianças e adolescentes participantes, segundo nome fictício, sexo, idade, tipo de doença, tipo de tratamento e impacto da doença sobre o sujeito serão descritos a seguir no Quadro 1.

Quadro 1- Distribuição das crianças e adolescentes participantes, segundo dados sociodemográficos e clínicos. Brasília, DF, Brasil, 2019. (n=17)

Nº	NomeFictício	Sexo	Idade	Doença Crônica	Tipo de Tratamento	Impacto
1	Capitão América	M	6	Câncer abdominal	Quimioterapia e cirurgia	-
2	Batman	M	6	Tumor cerebral	Quimioterapia e medicamento oral	Problemas de saúde
3	Vampira	F	6	Talassemia	Transfusão sanguínea	Problemas de saúde, na aparência física e na autoimagem
4	Cyborg	M	7	Leucemia linfóide aguda	Quimioterapia	Problemas na escola
5	Supergirl	F	7	Leucemia	Quimioterapia	Problemas de saúde
6	Superman	M	7	Tumor cerebral	-	Problemas de saúde, na escola e nos relacionamentos com amigos
7	Arqueiro Preto	M	8	Câncer abdominal	Quimioterapia	Problemas de saúde, no relacionamento com a família, na aparência física e na autoimagem
8	Homem Aranha	M	8	Câncer renal	Quimioterapia	Problemas de saúde
9	Batgirl	F	10	Aplasia medular	Transplante de células-tronco hematopoiéticas	Problemas de saúde, na escola, na aparência física e na autoimagem
10	Flash	M	10	Neuroblastoma	Quimioterapia e transplante de células-tronco hematopoiéticas	Problemas de saúde, nos relacionamentos com amigos
11	Robin	M	11	Aplasia medular	Nenhum	-
12	Dead Pool	M	11	Linfoma de Hóchling	Quimioterapia	Problemas na escola
13	Lanterna Verde	M	12	Aplasia medular	Transfusão sanguínea e de plaquetas	-
14	Ravena	F	13	Anemia falciforme	Transfusão sanguínea	Problemas de saúde e no relacionamento com a família
15	Senhor das Estrelas	M	13	Linfoma	Quimioterapia	Problemas na escola
16	Thor	M	13	Linfoma na axila direita	Transplante de células-tronco hematopoiéticas e quimioterapia	Problemas de saúde, na aparência física e na autoimagem
17	Pantera Negra	M	16	Leucemia	Quimioterapia	Problemas na escola e nos relacionamentos com amigos

Doze participantes tinham diagnóstico de neoplasia. Os diagnósticos mais encontrados foram: linfoma, leucemia e tumor cerebral. Conforme a estimativa do

INCA (2017), para os anos 2018 e 2019 ocorreriam 12.500 novos casos de câncer infantojuvenil e, na região Centro-Oeste correspondem a 1.800 casos novos. Os tipos de câncer infantojuvenil mais frequentes são as leucemias, que correspondem a 26%; linfomas concernem a 14% e o Sistema Nervoso Central abrangem 13% dos casos. No Brasil, o câncer infantojuvenil corresponde a segunda causa de óbitos, exceto na região Norte, onde os óbitos por câncer ficam em quinto lugar.

A leucemia é a principal neoplasia que afeta crianças e adolescentes. Possui vários sinais e sintomas, no entanto os que se destacam são: esplenomegalia, esquimoses, epistaxe, petéquias, além da febre associada. Com isso, faz-se necessário um diagnóstico diferencial como o mielograma. Além disso, há os linfomas, que representam a segunda neoplasia infantojuvenil mais frequente, cujo principal sintoma é adenomegalia sem causa infecciosa; o diagnóstico de confirmação é por meio de biópsia. Além desses, tem-se o tumor cerebral, que é a terceira neoplasia mais comum no meio infantojuvenil, cujo principal obstáculo é um diagnóstico precoce em crianças mais novas pela incapacidade de descrever os sintomas como cefaleia e diplopia que são mais comuns e inespecíficos também; por isso, os principais meios de investigação são os exames de imagem: tomografia e ressonância magnética (BRASIL, 2017).

Em relação aos três tipos de câncer descritos, o tratamento mais comum é a quimioterapia. Ela acarreta vários efeitos colaterais, como alopecia, vômitos, diarreia, neutropenia, entre outros. Dessa forma, o efeito colateral que mais impacta a vida da criança e do adolescente é a alopecia, pois está envolvida diretamente com a questão

da autoimagem, uma vez que os colegas da escola podem rejeitá-los por serem diferentes, o que acarretará, em suas vidas, problemas na escola com relacionamentos de amizades e com a aparência (SANTOS, 2018).

Por meio dos D-E, de forma mais natural e lúdica, foi possível ao público infantojuvenil participante expor seus medos, suas angústias, sua esperança, suas fantasias e seus sonhos positivos e negativos atuais e futuros.

As imagens reveladoras da subjetividade interna e atual dos participantes

As crianças e adolescentes, ao desenharem figuras humanas, projetam, similarmente, sua autoimagem do momento de vida atual. Os principais pontos focais e as características objetivas e resumidas dos achados predominantes encontrados nos desenhos projetivos dos participantes são descritos a seguir, com o quantitativo de participantes entre parênteses e seu significado simbólico sugerido pelos autores (RETONDO, 2000; FURTH, 2013; COGNET, 2014; RABELLO, 2014).

Os aspectos negativos foram os que predominaram nos desenhos tanto na imagem do *Eu* no presente quanto na imagem do *Eu* no futuro, como: desenhos mal elaborados, pobreza de detalhes ou pouco criativos (12), desenhos monocromáticos (6) e falta de colorido interno nas imagens (11), decréscimo psicomotor (12) e falta de contexto ou de símbolos significativos, esperados a partir de oito anos (8) – aspectos que sugerem baixo nível de energia, sentimento de vazio e retraimento e pouco equilíbrio mental do momento atual de seus autores (FURTH, 2013; COGNET, 2014; RABELLO, 2014). A ausência de cabelos (7) também representa pouca energia,

desvitalização, sentimento de debilidade, impotência, passividade ou isolamento perante a vida ou a situação do momento, tendo em vista que os cabelos são a expressão da vida em crescimento, a vitalidade e a força (RETONDO, 2000). Mesmo tendo onze participantes em tratamento de quimioterapia, apenas dois realmente apresentavam, no momento, alopecia que especialmente no grupo de adolescentes, gera um impacto grande na autoimagem.

A falta da linha de base, esperada a partir de sete anos (11) – reflete a falta ou dificuldade de contato dos autores com a realidade (FURTH, 2013; COGNET, 2014; RABELLO, 2014), que pode ser a dificuldade dos autores em relação à doença grave e crônica, o distanciamento por longo prazo de casa, tratamentos dolorosos e invasivos. A ausência dos pés (7), também simboliza a dificuldade com a realidade, as atitudes de se colocar na vida, a adaptabilidade ao meio ou indícios de insegurança e falta de autonomia, pois os pés são o apoio do corpo para a caminhada da vida (RETONDO, 2000). As palavras registradas em alguns desenhos (5) reforçam a insegurança ou falta de confiança dos seus autores, pois reduzem as chances dos desenhos serem mal interpretados (FURTH, 2013).

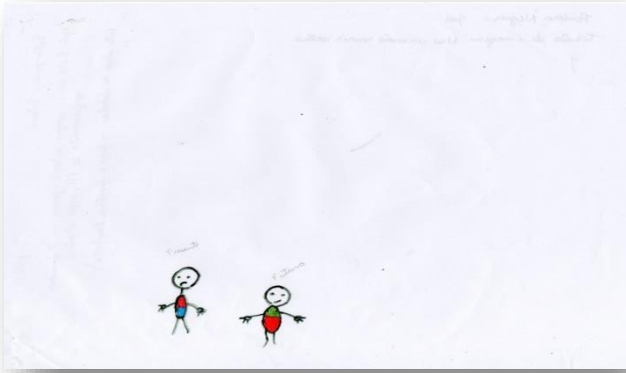
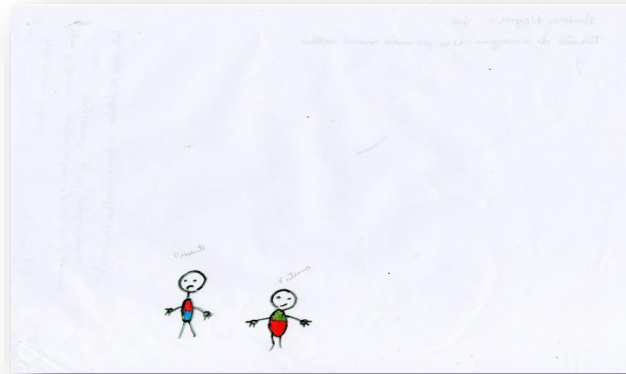
Complementam esse pensamento os desenhos só da cabeça (3), com a omissão do tronco, que podem simbolizar a censura ao próprio corpo, valorização exagerada do aspecto intelectual em detrimento ao físico e um refúgio na fantasia

(RETONDO, 2000). Também os olhos representados por pontos (8) podem indicar certa imaturidade para enfrentar a vida, regressão ou desejo de ver o mínimo possível (RETONDO, 2000). As idades das figuras serem inferiores às dos autores (3) também sugerem imaturidade e as superiores (5) indicam sintomas depressivos (RETONDO, 2000).

A predominância da utilização da parte inferior (7) e/ou esquerda da folha (8) pode significar regressão, conflitos internos e uma fixação em estágios mais primitivos, também introversão — lado esquerdo. A ênfase na metade inferior da folha e a presença de detalhes mínimos essenciais dos desenhos projetados podem sugerir insegurança (RETONDO, 2000). A omissão do nariz (8) pode indicar sentimentos de angústia, de timidez, de desamparo e de imobilidade em progredir e em avançar (RETONDO, 2000).

A ausência de orelhas (16), apesar de ser frequente nos desenhos em geral, reforça a passividade de seus autores (RETONDO, 2000). As mãos ausentes (6) também acentuam a falta de confiança nos contatos sociais de seus autores, retraimento ou passividade (RETONDO, 2000). O Quadro 2, a seguir, expõe dois D-E que ilustram algumas características de imagens reveladoras da subjetividade interna e atual dos participantes

Quadro 2: Dois D-E que ilustram algumas características de imagens reveladoras da subjetividade interna e atual dos participantes. Brasília, DF, Brasil, 2019.

	<p>Título: <i>Gabriel Jesus e Neymar</i></p> <p>Autoria: Capitão América, masculino, seis anos, tinha câncer abdominal, estava em tratamento com quimioterapia e cirurgia.</p> <p>História sobre o desenho: <i>O Eu do presente é o Gabriel Jesus e tem 10 anos, o Eu do futuro será o Neymar e terá 15 anos, ambos estão jogando futebol. A imagem me faz lembrar jogo de futebol.</i></p>
	<p>Título: <i>Meu irmão mais velho</i></p> <p>Autoria: Pantera Negra, masculino, 17 anos, tinha diagnóstico de leucemia, estava em tratamento com quimioterapia. A doença trouxe problemas na escola e nos relacionamentos com amizades.</p> <p>História sobre o desenho: <i>O Eu do presente é seu irmão, um homem de 14 anos que está em Minas Gerais trabalhando. O Eu do futuro será um amigo gordo, um menino de oito anos.</i></p>

Nos desenhos de Capitão América e de Pantera Negra predominaram imagens pouco elaboradas, pouco criativas e a pobreza de detalhes que sinalizam um decréscimo psicomotor dos seus autores, em especial Pantera Negra, que já tinha 16 anos. A falta de um contexto, a omissão da linha de base, dos cabelos, do nariz, das orelhas, dos pés e os olhos ao serem representados como pontos e a localização das imagens no quadrante inferior esquerdo – são aspectos que sinalizam certa

dificuldade, insegurança ou passividade dos autores perante a dura realidade, aliados à história apresentada pelos autores sobre o *Eu* no presente e no futuro que não condiz com seu atual momento de doença e tratamento e, sim, uma fuga dessa realidade sofrida.

Nessa vertente, outros D-E a seguir ilustram e complementam os conteúdos negativos expressos pelas crianças e adolescentes pesquisados:

Um amigo está dormindo no avião e o avião caiu (Batman); Eu estou voando, porque minha alma morreu (Arqueiro Preto). Meu inimigo está na Abrace gritando de medo (Homem Aranha). Eu estou no Centro Cirúrgico sendo furado contra a própria vontade, não gosto de olhar para esse desenho e sinto raiva e dor (Lanterna Verde). Eu estou triste no hospital, porque não tenho muito tempo de vida e toda vez que penso nisso fico triste (Ravena). Um homem está muito tímido olhando para outra pessoa, refletindo sobre o seu futuro e o seu passado (Senhor das Estrelas).

Entretanto, apareceram alguns D-E, descritos a seguir, que revelaram conteúdos positivos para o *Eu* no presente, mesmo diante das adversidades do momento atual

Eu estou desenhando na Abrace (Cyborg). Eu estou no campo brincando de boneca (Batgirl). Eu estou na Bahia brincando (Flash). Eu estou na Abrace pintando (Robin). Eu estou brincando e jogando bola (Thor).

Os desenhos são constituídos de elementos emocionais e de pontos focais que, ao serem analisados, reúnem informações específicas que mostram uma direção e um significado geral do processo psíquico do seu autor naquele momento

(FURTH, 2013). É por meio do desenho que crianças e adolescentes contam, imaginam, brincam, sonham e projetam seu futuro, por isso deve ser observado, escutado e valorizado, pois se configura como um importante instrumento para a visibilização do ponto de vista do público infantojuvenil (GOLDBERG; FROTA, 2018).

O câncer infantojuvenil ocasiona modificações negativas na dinâmica familiar, na educação e no corpo físico, traz privações emocionais e sociais que causam sentimentos de impotência e de angústia. Portanto, trabalhar com uma terapia lúdica, como a Arteterapia, na resolução de conflitos internos afetivos e comportamentais das crianças e adolescentes pode favorecer a maior adesão ao tratamento e trazer um melhor prognóstico e uma melhor elaboração do processo de adoecimento e dos tratamentos dos participantes (LIMA *et al.*, 2019).

A visualização de repercussões negativas frente ao futuro

O Quadro 3 a seguir expõe dois D-E que ilustram algumas características de imagens que apresentam a visualização de repercussões negativas frente ao futuro.

Quadro 3 - Dois D-E que ilustram algumas características de imagens que apresentam a visualização de repercussões negativas frente ao futuro. Brasília, DF, Brasil, 2019

	<p>Título: <i>Tristeza</i> Autoria: Ravena, feminino, 13 anos, tinha diagnóstico de anemia falciforme, estava em tratamento com transfusão sanguínea. A doença trouxe problemas de saúde e no relacionamento com a família.</p> <p>História sobre o desenho: <i>O Eu do presente sou eu mesma - uma menina de 13 anos que está no hospital. O Eu do futuro será eu mesma também – uma mulher de 21 anos que estará morta no caixão. Meu Eu de agora está triste e o meu Eu do futuro estará morta, porque eu não tenho muito tempo de vida e toda vez que eu penso nisso fico triste</i></p>
	<p>Título: <i>Amigos</i> Autoria: Arqueiro Preto, masculino, 8 anos, tinha diagnóstico de câncer abdominal, estava em tratamento com quimioterapia. A doença trouxe problemas de saúde, no relacionamento com a família, na aparência física e na autoimagem.</p> <p>História sobre o desenho: <i>O Eu do presente sou eu mesmo com 7 anos, sou muito pequeno e estou voando. O Eu do futuro também serei eu mesmo, com 18 anos e também estarei voando. As duas pessoas morreram e o espírito está e estará voando.</i></p>

As verbalizações sobre os D-E de Ravena e do Arqueiro Preto trazem à tona o tema morte como desenvolvimento do prognóstico da doença. Ambos portadores

de doenças graves e crônicas, não preveem um futuro muito promissor para suas vidas. A distância da cidade e da família de origem, a travessia por tratamentos longos, invasivos e dolorosos refletem-se nas imagens, que são monocromáticas, sem colorido interno nas imagens, com pobreza de detalhes, o que sinaliza desvitalização e um vazio psíquico interno. Outro D-E que mostrou um futuro negativo foi o seguinte: *Um amigo que terá 11 anos estará sentado e voando em um balão que cairá* (Batman-6a).

Existem diferenças maturacionais entre o grupo de crianças em relação ao grupo de adolescentes no processo de saúde-doença, assim como no processo de morte e o morrer, mesmo que exista um atraso de desenvolvimento decorrente ao processo de adoecimento.

As crianças e adolescentes sabem que os cuidados hospitalares envolvem a realização de procedimentos técnicos que geram dor, tristeza e ansiedade; entretanto, muitas vezes, não compreendem que esses procedimentos invasivos e dolorosos são indispensáveis para a recuperação da sua saúde física e, por conseguinte, receberem alta (COSTA; MORAIS, 2017).

Os D-E trouxeram à tona medos, raiva, sonhos, insegurança das crianças e adolescentes em relação ao seu processo atual de vida e representaram a expressão

emocional da experiência traumática de seus autores. Assim, a arte pode ajudar crianças e adolescentes a expressar os sentimentos no tratamento do câncer dentro do contexto terapêutico seguro, o que facilita a criação de uma narrativa coerente que pode auxiliar na promoção da expressividade e do empoderamento, ao invés de representações internalizadas de traumas (VALLADARES-TORRES, 2017).

Crianças e adolescentes com câncer em quimioterapia experimentam muitos efeitos adversos, entretanto, a Arteterapia pode ser eficaz sobre a qualidade de vida desses pacientes. Outro estudo que apresentou a aplicação de intervenções de Arteterapia em um estudo randomizado mostrou que o grupo experimental de crianças e adolescentes, no percurso de quimioterapia, ficou significativamente mais ativo fisicamente ($P < 0,001$), menos deprimido e menos estressado ($P = 0,004$), bem como desfrutou mais de atividades sociais ($P = 0,003$), melhorou as relações com grupo de pares ($P = 0,043$) e apresentou melhor estado geral de saúde ($P < 0,001$) (ABDULAH; ABDULLA, 2018).

A projeção de sonhos positivos para o futuro

O Quadro 4 a seguir expõe dois D-E que ilustram algumas características de imagens que apresentam a projeção de sonhos positivos para o futuro.

Quadro 4 - Dois D-E que ilustram algumas características de imagens que apresentam a projeção de sonhos positivos para o futuro. Brasília, DF, Brasil, 2019.

	<p>Título: A casa</p> <p>Autoria: Vampira, feminina, 6 anos, tinha diagnóstico de talassemia, estava em tratamento com transfusão sanguínea. A doença trouxe problemas de saúde, na aparência física e na autoimagem.</p> <p>História sobre o desenho: <i>O Eu do presente é minha irmã de 19 anos que está no ônibus vendo da janela a minha chegada. O Eu do futuro era minha outra irmã também de 19 anos que estará esperando-a abrir a porta de casa. Elas são minhas amigas, sinto saudade e alegria de estar com elas.</i></p>
	<p>Título: O centro cirúrgico e a casa</p> <p>Autoria: Lanterna Verde, masculino, 12 anos, tinha diagnóstico de aplasia medular, estava em tratamento com transfusão sanguínea e de plaquetas.</p> <p>História sobre o desenho: <i>O Eu do presente sou eu mesmo com 12 anos, estou no centro cirúrgico contra vontade, sendo furado com agulhas e sendo anestesiado – não gosto de olhar para este desenho, porque me traz raiva e sofrimento (dor). O Eu do futuro sou eu também com 12 anos, agora em casa, indo para o rio andar de barco com meu tio – gosto de olhar para este desenho, porque ele representa meu desejo de voltar para a casa logo e me deixa calmo e feliz.</i></p>

Nas verbalizações trazidas por Vampira e por Lanterna Verde, o momento atual é uma passagem ou é um sofrimento ocasionado pelo tratamento. Entretanto, o momento futuro é de retorno para casa, repleto de momentos agradáveis e felizes. Falas ancoradas por imagens que trazem o contexto, a cor, figuras humanas completas, eretas e sorridentes (*Eu no futuro*), figuras de tamanho médio, simétricas,

vistas de frente, além de desenhos com traçados médios e com traços contínuos. Desenhos mais criativos e mais bem elaborados para uma criança entre seis e doze anos. Há presença de cabelos, olhos, nariz e boca. No desenho de Lanterna Verde, existe a presença da linha de base na base da folha. Características que resgatam um comportamento mais adaptativo e refletem boa energia, equilíbrio, vitalidade e aspectos saudáveis almejados para o futuro.

Nas crianças e adolescentes com diagnóstico não neoplásico, a esperança se mantém, diferentemente do grupo de crianças e adolescentes com câncer, no qual o estigma da neoplasia gera insegurança ou sofrimento quanto ao futuro. E, frequentemente, os cuidados oferecidos às pessoas com câncer terminal são os paliativos.

A saúde emocional e social das crianças com câncer frequentemente é severamente afetada pela doença e pela quimioterapia. Um estudo randomizado mostrou que com as crianças submetidas a quimioterapia do grupo experimental, a pintura foi eficaz na redução da depressão, diferentemente do outro grupo (controle). Os autores complementaram que a pintura, ou outras técnicas de arte — como o desenho — podem ser usadas como uma intervenção fácil, barata e eficaz por profissionais de saúde ou, ainda, pelo arteterapeuta, para auxiliar o público infantojuvenil a enfrentar as consequências danosas geradas pelo câncer e pelos tratamentos invasivos e dolorosos (TAHMASEBI; MAGHSOUDI; TALAKOUB, 2017).

Nessa mesma perspectiva, outros relatos a seguir dos D-E ilustram e complementam os sentimentos positivos emitidos pelos participantes:

Neymar terá 15 anos e estará jogando futebol (Capitão América-6ª); Eu terei 18 anos e estarei trabalhando como dentista no hospital (Cyborg-7ª); O professor terá 42 anos e estará na escola dando aula de futebol (Superman-7ª); Eu terei 22 anos, matarei o personagem que está na Abrace e reviverei (Homem Aranha-8ª); Minha prima terá 10 anos e estará no campo brincando de boneca (Batgirl-10ª); Eu terei 21 anos e estarei cursando faculdade em Irece/Bahia (Flash-10ª); Eu terei 11 anos e estarei na Abrace fazendo massinha (Robin-11ª); Meu primo terá 10 anos e estará na Venezuela assistindo um filme no cinema (Dead Pool-11ª); Serei um homem de 19 anos e estarei na faculdade olhando para outra pessoa e pensando (Senhor das Estrelas-13ª); Eu terei 27 anos e estarei trabalhando no hospital como médico (Thor-13ª); Será um amigo gordo, um menino de oito anos (Pantera Negra-16ª).

Terapias mente-corpo, como a Arteterapia, são modalidades de tratamento integrativos e complementares que têm um impacto positivo na qualidade de vida e no bem-estar de pacientes na área da oncologia pediátrica (VELEZ-FLOREZ *et al.*, 2018).

O DFH é uma técnica projetiva utilizada como indicador do estado emocional e cognitivo de seus autores; igualmente, expõe características da personalidade deles. O estímulo à produção do DFH de crianças e adolescentes, em especial em Arteterapia, favorece-lhes o desenvolvimento humano positivo e saudável (VIAPIANA; BANDEIRA; GIACOMONI, 2016). Além disso, a utilização da técnica do D-E facilita a comunicação terapêutica com as crianças e adolescentes com os terapeutas-pesquisadores e elucida o que não é verbalizado pelos participantes, bem

como complementa as informações que são ditas pelas crianças e adolescentes durante as entrevistas (COSTA; MORAIS, 2017).

Um estudo de revisão integrativa da literatura que avaliou os efeitos da utilização da Arteterapia com crianças e adolescentes com câncer sugeriu que o público infantojuvenil que participou de várias formas de intervenções pelo desenho, em Arteterapia, apresentou maior comunicação com os membros da família e com os prestadores de cuidados em saúde. Ademais, as crianças e adolescentes melhoraram sua capacidade de expressar as emoções subjacentes, desenvolveram habilidades de enfrentamento mais efetivas e experimentaram uma redução nos efeitos colaterais adversos. Dessa forma, a Arteterapia pode ajudar a maximizar a qualidade de vida e permitir um estilo de vida mais tolerável para o público-alvo (AGUILAR, 2017).

Considerações finais

É importante que haja um ambiente de saúde acolhedor e humanizado voltado ao público infantojuvenil enfermo minimizando os aspectos negativos causados por uma doença grave e seu tratamento, onde o brincar e o lúdico sejam recursos terapêuticos constantes.

Oferecer um instrumento de melhor comunicação como o D-E a partir do DFH pode ser uma linguagem de comunicação mais acessível para que as crianças e adolescentes informem mais naturalmente suas reais necessidades e demandas, o que facilita planejar um cuidado mais humanizado e de melhor qualidade. Facilita, ainda, conhecer o contexto e o enfrentamento de cada sujeito adoecido com doença

crônica. Cuidado que pode ser estendido ao espaço de toda a família, que se encontra adoecida junto com suas crianças e adolescentes.

Sendo assim, o uso da Arteterapia é fundamental durante o tratamento para que os cuidados prestados as crianças e adolescentes sejam voltados para suas reais demandas e, conseqüentemente, melhorem a qualidade de vida e o enfrentamento desse público. O primeiro contato é fundamental, pois, a partir desse momento em que as crianças e adolescentes podem ou não confiar nos profissionais, isso se refletirá na adesão das atividades lúdicas e, conseqüentemente, favorecerá a melhor comunicação e o desenvolvimento positivo. Para isso faz-se necessária uma equipe multiprofissional qualificada, que não esteja voltada apenas para o mecanicismo de suas profissões.

Colaboradores: Gestão e servidores da Casa de Apoio, alunos auxiliares do projeto de pesquisa e o público infantojuvenil participante da pesquisa.

Data de recebimento: 20.01.2020

Data de aceite 1º parecerista: 29.07.2020

Data de aceite 2º parecerista: 05.08.2020

Referências

ABDULAH, D. M.; ABDULLA, B. M. O. Effectiveness of group art therapy on quality of life in paediatric patients with cancer: a randomized controlled trial. **Complement Ther Med.** v.41, n.0, p.180-5, Dec. 2018. Doi: 10.1016/j.ctim.2018.09.020

AGUILAR, B. A. The efficacy of art therapy in pediatric oncology patients: an integrative literature review. **Journal of Pediatric Nursing.** v.36, p.173-8, 2017. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.pedn.2017.06.015>

AJAMIL, E. G. Arteterapia familiar em oncologia pediátrica. **Psicooncologia**. v.15, n.1, p.133-51, 2018. Available from: <https://revistas.ucm.es/index.php/PSIC/article/viewFile/59183/4564456546591>

BRASIL. Ministério da Saúde. **Caderneta da saúde da criança-menino**. 7 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderneta_saude_crianca_menino_7ed.pdf (acessado em 17 de março de 2019)

BRASIL, Ministério da Saúde. **Protocolo de diagnóstico precoce para oncologia pediátrica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível: <http://www1.inca.gov.br/inca/Arquivos/protocolo-de-diagnostico-precoce-do-cancer-pediatico.pdf> (acessado em 18 de março de 2019)

CASARIN, J. M. et al. Ofensores sexuais avaliados pelo Desenho da Figura Humana. **Aval. psicol.** v.15, n.1, p.61-72, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v15n1/v15n1a08.pdf>

COGNET, G. **Compreender e interpretar desenhos infantis**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

COUNCILL, T. D.; RAMSEY, K. Art therapy as a psychosocial support in a child's palliative care, **International Journal of Art Therapy**. v.36, n.1, p.40-5, 2019. Doi: 10.1080/07421656.2019.1564644

COSTA T. S.; MORAIS, A. C. Child hospitalization: child living from graphical representations. **Rev. enferm. UFPE on line**. v.11, n.supl.1, p.358-67, 2017. Available from: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11916/14406> doi: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v11i1a11916p358-367-2017>

FURTH, G. M. **O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte**. 5.reimpr. São Paulo: Paulus; 2013.

GOLDBERG, L.; FROTA, A. M. M. C. O desenho infantil como escuta sensível na pesquisa com crianças: inquietude, invenção e transgressão na elaboração do mundo. **Rev Humanidades**. v.32, n.2, p.172-9, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rh/article/view/7474/5545> doi: <http://dx.doi.org/10.5020/23180714.2017.32.2.172-179>

IAMIN, S. R. S.; ZAGONEL, I. P. S. Estratégias de enfrentamento (coping) do adolescente com câncer. **Psicologia argumento**. v.29, n.67, p.427-35, 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20155/19441>

INCA - Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. **Estimativa 2018: incidência de câncer no Brasil**. Rio de Janeiro: INCA 2017. Disponível em: <http://www.oncoquia.org.br/oncoquia-material/estimativa-2014-incidencia-de-cancer-no-brasil/108/22/> (acessado em 17 de março de 2019)

LIMA, M. F. R. et al. A Arteterapia como dispositivo terapêutico com grupo de crianças e de adolescentes com doenças crônicas e graves. **Rev Científica Arteterapia Cores da Vida**. v.26, n.1, p.3-17, 2019. Disponível em: <https://www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida>

LIMA, M. F. R. et al. Arteterapia com crianças com câncer: revisão integrativa da literatura. **Rev Científica Arteterapia Cores da Vida**. v.22, n.22, p.15-22, 2017. Disponível em: <https://www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida>

MECHTEL, M.; STOECKLE, A. Psychosocial care of the pediatric oncology patient undergoing surgical treatment. **Seminars in Oncology Nursing**. v.33, n.1, p.87–97, 2017.

OLIVEIRA, P. W. et al. Representação de sintomas físicos e emocionais de crianças e adolescentes com câncer acolhidos em uma Casa de Apoio no Distrito Federal. **Rev Científica Arteterapia Cores da Vida**. v.26, n.1, p.18-28, 2019. Disponível em: <https://www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida>

RABELLO, N. **O desenho infantil**: entenda como a criança se comunica por meio de traços e cores. 2. ed. Rio de Janeiro: WAK, 2014.

RETONDO, M. F. N. G. **Manual prático de avaliação do HTP (casa-árvore-pessoa) e família**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

SANTOS, S. C. Revelando os sintomas vivenciados a cada sessão de quimioterapia: A experiência da criança e do adolescente com câncer. **Anais Seminário de Iniciação Científica**. n.20, 2018.

SILVA, P. L. N. et al. Câncer infantil: vivências de crianças em tratamento oncológico. **Enfermagem em Foco**. v.7, n.3/4, p.51-5, 2017. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/916/346>

SOUSA, A. L. et al. Desenhos terapêuticos aplicados em crianças hospitalizadas: uma revisão bibliográfica. **Rev. Científica Arteterapia Cores da Vida**. v.22, n.22, p.23-32, 2017. Disponível em: <https://www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida>

TAHMASEBI, Z.; JAHANGIR MAGHSOUDI, J.; SEDIGEH TALAKOUB, S. The effect of painting on depression in children with cancer undergoing chemotherapy. **Iranian J Nursing Midwifery Res.** v.22, n.2, p.102-5, 2017.

TRINCA, W. Apresentação e Aplicação. In: Trinca W, editor. **Formas de investigação clínica em psicologia: procedimento de desenhos-estórias e procedimento de desenhos de família com estórias.** São Paulo: Vetor; 1997. p.11-34.

VALLADARES-TORRES, A. C. A. **Arteterapia na hospitalização pediátrica: análise das produções à luz da psicologia analítica.** Curitiba: CRV, 2015.

VALLADARES-TORRES, A. C. A. Arteterapia no contexto hospitalar pediátrico: um estudo de caso. In: FRANCISQUETTI, A. A. (Org.). **Arte-Reabilitação: um caminho inovador na área da Arteterapia.** Rio de Janeiro: WAK, 2016. p.267-286.

VALLADARES-TORRES, A. C. A. Panorama geral das Arteterapias criativas: revisão sistemática da literatura (parte 9 – análise qualitativa – infantojuvenil). **Rev Científica Arteterapia Cores da Vida.** v.24, n.1, p.40-58, 2017. Disponível em: <https://www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida>

VELEZ-FLOREZ, G. et al. Mind-body therapies in childhood câncer. **Curr Psychiatry Rep.** V.20, n.8, p.58, Jul. 2018. doi: 10.1007/s11920-018-0927-6.

VIAPIANA, V. F.; BANDEIRA, C. M.; GIACOMONI, C. H. Bem-Estar Subjetivo infantil: avaliação por meio do Desenho da Figura Humana. **Aval. psicol.** v.15, n.1, p.49-59, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v15n1/v15n1a07.pdf> doi: 10.15689/ap.2016.1501.06

Artigo

Arte, Memória e Ancestralidade: Bordando memórias

Art, Memory and Ancestrality: Embroidering memories

Tania Cristina Freire

Resumo

O presente artigo reproduz a apresentação realizada no I Congresso Paulista de Arteterapia e IX Fórum de Arteterapia da AATESP e tem como objetivo realizar considerações a respeito da memória, desde a visão na filosofia até a neurociência e sua importância na Arteterapia. Apresentando a experiência de uma atividade arteterapêutica do bordar com idosos atendidos em Centro de Convivência, onde foi capaz de verificar-se o potencial desta arte e de resgatar memórias ancestrais, seja no paciente ou mesmo no terapeuta.

Palavras chaves: Arteterapia, Memória, Ancestralidade, Idosos.

Abstract

This article describes the presentation on “I Congresso Paulista de Arteterapia e IX Fórum de Arteterapia da AATESP” and has the objective to make considerations about memory, since the philosophy vision until the neuroscience and it’s importance on Art therapy. Showing the experience of an art therapeutic activity of embroider with elderly that have been care in a convention center, it shows the potencial of this art and rescue ancestral memorie, at the patient or even at the therapist.

Key words: Art Therapy, Memory, Ancestry, Seniors.

Arteterapeuta, Arte Educadora, Mestre em Distúrbios do Desenvolvimento (Mackenzie), Especialista em Neuropsicologia e Neuropedagogia. Graduada e Psicologia. Contato: artereab@gmail.com

Como seria nossa vida se ao dormir esquecêssemos tudo o que aprendemos no dia? Como seria nossa vida se não recordássemos absolutamente nada dpassamos até hoje, se tivéssemos um livro em branco todos os dias? E se tudo que nos foi ensinado, por nossos pais, por nossas vivências familiares não ficassem gravados em nossa memória.

Seria assim a vida, um vazio, nenhum aprendizado, uma começar novamente a cada dia. Não haveria a capacidade de recordar dos momentos bons ou ruins, não haveria capacidade de compreender a linguagem ou mesmo realizar atividades motoras.

Não teríamos a capacidade de formar nossa identidade pessoal. Não haveria assim um fio condutor para a construção de nosso bordado pessoal.

Segundo Chauí (2000, p.158) “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total”.

Na Grécia antiga, a memória era considerada uma identidade sobrenatural, algo divino, mãe das musas que protegia as artes e a história a deusa Mnemosyne tinha a capacidade de dar aos poetas o poder de voltar ao passado e lembrar para a coletividade, assim conferia a imortalidade aos mortais, já que a partir do registro dos poetas e dos artistas a produção seria imortalizada (CHAUÍ, 2000).

Os artistas e historiadores pediam as musas (filhas da deusa da Memória) que protegessem suas obras para que pudessem servir de exemplo para as gerações futuras. Assim, a memória era considerada inseparável da experiência do tempo (CATARINO, PEREIRA, 2008)

Mas não eram apenas os artistas e historiadores que recorriam a Deusa da memória, a arte médica também buscava a ajuda trazida pelo paciente, solicitava que o doente pudesse recordar das circunstâncias que o adoeceram e essas lembranças auxiliariam os médicos para pensar em um diagnóstico e o tratamento específico para aquele paciente, desta prática a conhecemos até os dias de hoje como a anamnese (CHAUI, 2000).

Mas a memória também possui para os romanos a função de uma arte chamada de retórica, que estava destinada a produzir emoções e persuadir os ouvintes, utilizando-se da linguagem de forma bela e eficaz para encantar o público. O bom orador para os romanos pronunciava longos discursos sem a leitura ou se apoiar em anotações, eles aprendiam as regras fundamentais da oratória e a memória era indispensável para um bom desempenho (CATARINO, PEREIRA, 2008).

A memória dentro da Neurociência é um campo muito estudado e ainda cheio de mistérios. A todo instante é a ela que iremos recorrer para lembrar uma experiência passada e planejar o que faremos no futuro, baseado nestas informações.

Nas últimas décadas muito se avançou nas pesquisas a respeito da memória e temos evidências que são consideráveis para apontar que o ser humano possui diversas formas de memória envolvendo diferentes regiões e combinações de regiões encefálicas (KANDEL et al., 2014).

Segundo Kandel (2014) para que ocorra o armazenamento das informações será necessária à memória de curto prazo ou memória de trabalho, responsável por manter as informações, mesmo que transitórias, para que possamos alcançar certos

objetivos. Seu funcionamento ocorrerá por meio de dois subsistemas: um para informação verbal e outro para a informação visuoespacial.

Para controlar a orquestra da entrada de informações o terceiro sistema denominado de controle executivo, assim será possível prestar atenção, monitorar, manipular e atualizar a entrada das informações.

Foi na década de 1950 que os estudos sobre a memória e suas evidências emergiram principalmente relacionados às bases neurais das memórias de longa duração. O caso de H.M. estudado pela psicóloga Brenda Milner e pelo cirurgião William Scoville.

Após sofrer de epilepsia intratável do lobo temporal causado por uma lesão encefálica por uma queda de bicicleta aos 7 anos, H.M. quando adulto passou por uma cirurgia que removeu a formação hipocampal, a amígdala e partes da área associativa multimodal do córtex temporal. Apesar da cirurgia de H.M. ter controlado as crises convulsivas, ele passou a ter um importante déficit de memória.

Com a memória de curta duração normal e recordando de eventos antes da cirurgia (lembrava seu nome, eventos da infância) e com a memória semântica preservada, H.M. não conseguia transferir as informações da memória de trabalho para a memória de longa duração.

Não conseguia recordar de pessoas, objetos e lugares onde havia a pouco tempo tido contato. A psicóloga Brenda Milner a quem H.M. viu por diversos anos, todo o mês a cada encontro era como se nunca tivessem se visto. O caso de H.M. é um marco histórico porque deixou claro que existe uma ligação entre a memória e o lobo temporal medial, incluindo o hipocampo (KANDEL, 2014).

Para além da descoberta de uma área que responderia pela memória, o caso de H.M. trouxe uma descoberta importante, de que nem todos os tipos de memória estariam prejudicados. Que o paciente era capaz de formar e reter outros tipos de memórias de longa duração.

A natureza da memória pode ser classificada em memórias implícitas e memórias explícitas.

A memória implícita demanda treinamento e mais tempo para a sua formação. Ela armazena informações que orientam o comportamento inconsciente, são as habilidades motoras, cognitivas e de percepção aprendidas por repetição, por exemplo, diante de um objeto saber o que é e para que serve - memória de representação perceptual - ou mesmo quais os movimentos motores devemos realizar para a condução de um automóvel - Memória de procedimentos - (LENT, 2010; KANDEL et al., 2014).

A memória explícita pode ser apresentada de duas formas, episódica e semântica. A memória episódica relaciona-se com as experiências pessoais, relação com nossa autobiografia, lembrar-se da última exposição que você foi visitar, se estava na companhia de alguém, envolve assim os eventos datados, relacionados ao tempo. Já na memória semântica serão envolvidos conceitos atemporais, como por exemplo, recordar qual o nome do artista holandês que cortou a orelha e desenhava autorretratos (LENT, 2010; KANDEL et al., 2014).

Para o processamento da memória explícita ocorrem quatro operações distintas:

A codificação, momento em que as informações serão observadas e farão conexões com informações que já estão armazenadas na memória;

O armazenamento, o hipocampo é o responsável por essa função, como um botão para salvar as memórias explícitas, o hipocampo e regiões próximas ficam ativos à medida que as pessoas formam memórias explícitas;

A consolidação que é o processo que faz as informações ficarem estáveis, as memórias não ficaram permanentemente no hipocampo, ele parece exercer uma central para o recebimento dessas memórias, que logo migraram para outras regiões do encéfalo.

O sono é importante para a consolidação da memória, é durante o sono que o hipocampo processará as memórias para a futura evocação.

A evocação é o processo que traz novamente a informação guardada anteriormente, a evocação costuma ser mais eficiente quando se tem alguma “dica”, cada pedaço de informação se interligará com outro.

As melhores pistas para a evocação da memória são os cheiros, paladares e pistas visuais (KANDEL et. al, 2014; MYERS, DEWALL, 2017).

Memórias evocadas são o resultado de uma interação complexa entre várias regiões encefálicas, podendo ser modificadas ao longo do tempo por influências múltiplas. Várias formas de esquecimento e distorção dizem muito acerca da flexibilidade da memória, que permite que o encéfalo se adapte ao ambiente físico e social (KANDEL et. al., 2014, p. 1272)

Nossas emoções desencadeiam hormônios que podem influenciar na formação de memórias, guardamos mais facilmente fatos de nossas vidas que apresentam forte componente emocional (positivo ou negativo), mas o estado de alerta e atenção também terão forte componente modulador na memória.

“Sem a força de ligação da memória, as nossas experiências seriam retalhadas em vários fragmentos, assim como alguns momentos de nossa vida. Sem a viagem mental do tempo oferecido pela memória nós não teríamos conhecimento da nossa história pessoal, não teríamos como recordar as alegrias que se tornaram grande marcos em nossa vida. Nós somos quem somos em consequência do que aprendemos e do que nos lembramos”.

(EM BUSCA DA MEMÓRIA, 2009¹)

No filme “Em busca da memória” de Eric Kandel, o neurocientista e psicanalista, ganhador do prêmio Nobel de medicina e fisiologia em 2000, com sua pesquisa que revelou aspectos fundamentais do processo de formação de memórias de longo prazo, relatando como ocorre o processo da consolidação da memória. E o papel fundamental da emoção para a criação de novas sinapses.

Uma das cenas mais encantadoras do filme apresenta por meio de exames de imagens novas conexões sinápticas se formando, lembrando um tecer, como linhas que cruzam um tecido e formam novas histórias.

¹ Em busca da memória (Filme). Direção Petra Seeger. Produção Auf der Suche nach dem Gedachtnis, Áustria, 2009.

É através do contato social que ocorre a construção das memórias, Halbwachs (1990) entende que a memória é um fenômeno coletivo e social, o autor aponta para dois tipos de memória: a individual e a coletiva, a individual sendo a memória particular, pessoal e interior e a memória coletiva envolvendo a memória individual, mas se confundindo com ela, a memória coletiva tem a capacidade de reter o passado, porém, somente o que está vivo no grupo lembranças capazes de viver na consciência dos pequenos e grandes grupos.

Para Benjamin (1987 apud SOUSA, 2019) a musa da narrativa é a memória, a arte de narrar para este autor é comparável ao ato de tecer, ele afirma que a arte de contar histórias se perde quando ninguém mais fia ou tece quando ouve uma história.

A arte contemporânea apropriou-se da linguagem das linhas, costuras e bordados para trazer ao espectador o emaranhado de memórias e expressão.

No Brasil, a artista-costureira Leda Catunda constrói uma prática discursiva, narra os acontecimentos com fios e dialoga com a memória construída pela ancestralidade (ANDRADE, CHAGAS, 2018, SOUSA, 2019).

Outro exemplo é a arte de Leonilson que trazia em seus trabalhos uma fotobiografia, bordava sua memória explícita, traz a sua arte o regionalismo e a delicadeza dos bordados de suas avós (ANDRADE, CHAGAS, 2018, SOUSA, 2019).

Conforme afirma Andrade e Chagas (2018), “os bordados de Léo são folhas de um diário, onde colocava seu coração à exposição do mundo”.

Segundo Phillipini (2009) no processo criativo que o bordado e a costura traz compartilhamos memórias em um terreno ancestral, retomando o fio da meada e descobrindo a própria saída do labirinto.

No trabalho de arteterapia, a memória é estimulada em todos os seus tipos, sejam implícitas ou explícitas, criando novas memórias ou resgatando as escondidas no fundo do inconsciente.

O trabalho de arteterapia com idosos é rico de memórias, rico de experiências, mas que por vezes por uma questão do tempo não conseguem ser evocados tão rapidamente, necessitam de “dicas” para que sejam resgatadas, mas algumas linguagens parecem resistir ao tempo, deixando um traço ancestral na sua criação.

Igualmente ocorre com as linguagens que utilizam da linha, da costura, do bordado. Em um trabalho com bordado por vezes as memórias desenrolam-se como se desenrola um fio, parecendo buscar resgatar os fios que às vezes se perdem e continuar a contar a história.

Nesta busca de evocar memórias e associá-las a ancestralidade e a neurociência encontrei-me nas minhas próprias memórias da costura e do bordado, forte conexão com as mulheres da minha família e nas mulheres que hoje atendo em um centro de convivência.

Tivemos a oportunidade, junto ao centro de convivência, de visitar a exposição da Casa Bordada em São Paulo, o projeto de montagem reproduzia a estrutura de uma casa, construída com o pano, agulha e linha e diferentes riscos de

bordado, reunia 60 participantes de diversas regiões do Brasil, trazendo diferentes tipos de bordados (figura1).



Figura 1 - Exposição "A Casa Bordada"

Ao entrar na exposição o ambiente remetia imediatamente à imagem de mulheres sentadas conversando, trocando as suas memórias, ressignificando suas vidas. Para as idosas que acompanhavam a exposição, ali nitidamente foram evocadas suas memórias de vida, não era difícil ouvir um relato como “minha mãe fazia este ponto” ou mesmo “eu bordei toda a toalha de mesa do meu enxoval...”.

Naquele momento adentrar aquela casa repleta de bordados foi o resgate de memórias importantes, que contavam as histórias de um tempo, que resgatava a memória de cada participante.

Em nosso encontro seguinte a proposta era que pudéssemos trazer um pouco daquela memória para a nossa tarde. E neste ir e vir de fios formou-se a energia de um encontro ancestral, elas trazendo a experiência e a evocação de suas

memórias e eu como mulher me identificando com a linguagem feminina do bordado, absorvida pela experiência das memórias tão profundas, transpondo o encontro a algo sagrado (Figura 2).



Figura 2 - Atividade de bordado com idosos do Centro de Convivência

Essa atividade que iniciou com uma visita externa, proporcionando aos participantes o ver Arte, recurso que desencadeou evocar as memórias de infância, de momentos importantes como o casamento, o nascimento de um filho e que acabou por formar novas memórias, uma memória coletiva.

Para Halbwachs, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo (BOSI, 1994, p. 413 apud SOUSA, 2019).

Aquele processo para mim não era longe da minha convivência com a minha mãe e minha avó, e muitas vezes a linha que nos amarrava estava no momento de uma costura ou um bordado. E para Sousa (2019, p. 41):

O bordado, esta memória é entranhada em relações de afeto de mães, avós e filhas, o que transcende o significado da prática para algo muito mais íntimo e potente (...) a prática do bordado, antes confinada ao lar e que girava em torno da família, foi se reestruturando com o passar do tempo, chegando a novos espaços e diferentes contextos. Aos poucos, deixou de ser visto como elemento formador da valorização da mulher – da moça prendada que estava predestinada em ser uma amável mãe e excepcional dona de casa – para tornar-se um recurso de emancipação feminina. Porém, apesar das novas relações decorrentes nos diversos espaços conquistados pelas mulheres pela prática do bordado, a associação com os laços familiares permaneceu. Isto é, o bordado como legado de geração para geração.

E nessas memórias que ficaram gravadas no individual e no coletivo, hoje observo a minha avó, a quem a memória biográfica se esvai a cada dia, mas com quem as minhas linhas permanecem através do movimento que ela insistentemente repete, o de seguir com o seu crochê, fazendo-me lembrar a imagem exibida no filme de Kandel, parece buscar as memórias entre os fios que já não retornam com facilidade para completar um ponto, ou construir uma história (Figura 3).

E nessa memória implícita de saber o movimento do ponto de crochê que é possível recordar, movimento que conheço, pois tenho na minha memória ela me

ensinando, este hoje é um dos nossos únicos contatos, o entrelaçar de linhas, um olhar e um sorriso...

Que Menemosyne possa celebrar este encontro.

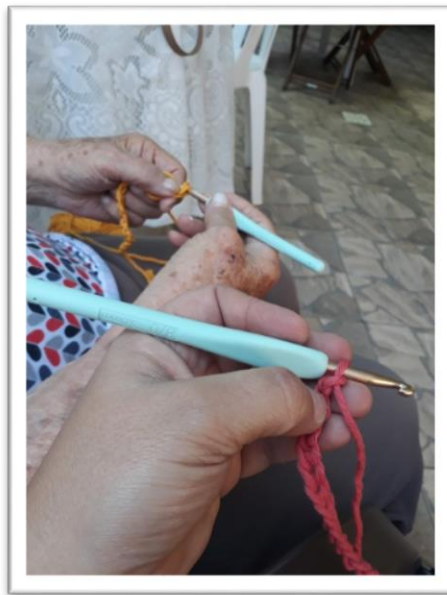


Figura 3 - Nosso crochê (Eu e minha avó)

Data de recebimento: 24.01.2020

Data de aceite 1º parecerista: 06.08.2020

Data de aceite 2º parecerista: 06.08.2020

Referências

ANDRADE, K. S.; CHAGAS, J. S. **Tramas narrativas, um mergulho com o artista Leonilson**. *PROA Revista de Antropologia e Arte*, v.1, n.8, p. 53-71, 2018.



CANTARINO, J. M. F.; PEREIRA, D. A. **Memória: da filosofia à neurociência.** Universitas: Ciências da Saúde, v.2, n.2, p. 165-200, 2008.

CHAUI, M.. **Convite à filosofia.** Ática, 2000.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice. Editora Revista dos Tribunais, 1990.

KANDEL, E. et al. **Princípios de Neurociências-5.** AMGH Editora, 2014.

LENT, R. **Cem bilhões de neurônios.** Conceitos fundamentais de neurociência, 2010.

MYERS, D. G. **Psicologia.** 11ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

SOUSA, J. P. de. **Tramas Invisíveis: Bordado e a memória do feminino no processo criativo.** Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências das Artes, Programa de Pós Graduação em Artes, Belém, 2019.

Artigo

Contar Histórias: Uma Voz Simples Que Tece Emoções

Telling Stories: A Simple Voice That Weaves Emotions

Alessandra Giordano

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar o conto de tradição oral, no veículo da arte narrativa, enquanto instrumento de abordagem arteterapêutica. Objeto do presente estudo, a narrativa oral e o conto tradicional são aqui notificados como instrumentos que influenciam e normatizam projetos de vida dos envolvidos nos processos de arteterapia. A matéria recebe o *status* do conto de tradição oral, mostrando o universo do Era Uma Vez... como ingresso para o mundo interior do humano dada à riqueza do seu plano simbólico. Ao utilizar conceitos da Psicologia Analítica profunda, os contos são trabalhados no sentido de fortalecer e levar os sujeitos a eles submetidos à ampliação de suas consciências e conseqüentemente à emancipação de seus conflitos, dores e mazelas. O contar histórias, seguindo a simplicidade do ritmo e da rima das “palavras bem-ditas” na cadência da oralidade, demonstra a tecedura das emoções humanas, aproximando pessoas, fortalecendo vínculos, tão necessários para uma vida saudável, principalmente nas sociedades de tecnologias.

Palavras-chave: Arteterapia. Contar Histórias, Contos tradicionais, vínculo

Estudou Psicologia, Neuropsicologia, Filosofia e Pedagogia. Profa e Supervisora Universitaria. Contadora de Histórias. Especialista em Contos de Fadas. Especialista em Psicodrama. Especialista em Bio-psicologia. Arteterapeuta. Herbatista. Lida com artefatos sagrados e com o Silêncio. Meditadora há 30 anos. Mestre em Ciências das Religiões. Dra em Psicologia. Oneness Meditator do Brasil Oneness University da Índia. Autora do livro: contos que curam, São Paulo, Ed. WAK, 2020, entre outros. Ministra o curso: A arte de Contar e Ouvir Histórias há 20 anos no Instituto Sedes Sapientiae onde é membro do Dpto de Arteterapia. Ministra workshops e palestras no Brasil e América Latina. Pesquisadora sobre meditação e seus efeitos no cérebro humano, Unifesp. Contato: alefemaruly@uol.com

ABSTRACT

This article aims to present the tale of oral tradition, in the vehicle of narrative art, as an instrument of art-therapeutic approach. Object of the present study: oral narrative and traditional tale, are here, notified as instruments that influence and standardize life projects of those involved in art therapy processes. The matter receives the status of the tale of oral tradition, showing the universe of the Once Upon a Time... as an entrance into the inner world of the human being, given the richness of his symbolic plan. By using concepts of deep Analytical Psychology, the tales are worked on the feeling of strengthening and leading the subjects, submitted to them, to the expansion of their consciences and consequently to the emancipation of their conflicts, pains and ills. Storytelling, following the simplicity of the rhythm and rhymes of the "well-spoken words" in the cadency of orality, demonstrates the weaving of human emotions, bringing people closer, strengthening bonds, so necessary for a healthy life, especially in technology societies.

Keywords: Art therapy Storytelling. Traditional Tales.

Introdução

Contar histórias é
Desenrolar uma paisagem

A Arte de Contar Histórias é muito antiga. Em todas as épocas mestres espirituais, artesãos, viajantes, avós contavam histórias para a sua gente. Então, a palavra falada, organizada num enredo, sempre despertou memórias. Memória daquilo que vale a pena ser lembrado. A arte de contar e ouvir histórias tem o dom de unir os grupos, tem o dom para cultivar a imaginação criadora do homem; tem o dom para desencadear processos de autoconhecimento e, a bem da verdade, tem o dom de nos colocar na rota dos sonhos.

Os matizes do meu interesse pelo universo dos contos, remonta à minha infância. Eu brinquei na rua, com meus irmãos e demais amigos. O espaço da rua era

um espaço não só lúdico como político, onde tínhamos liberdade de escolha e onde a brincadeira – coisa séria – corria solta. Destas brincadeiras, faziam parte as noites de contação de histórias². Vim de uma família de contadores de histórias, para a qual, as histórias são tão necessárias para uma vida saudável, quanto uma boa refeição. Minha avó e Nega Julia, minhas fadas madrinhas, eram guardiãs de um tesouro inigualável. Eram curandeiras, cuja medicina eram os contos, especialistas em linguagem simbólica, embora não soubessem disso, que afastavam os nossos medos, inquietações, frustrações e dores do crescimento contando-nos histórias. Minha avó nos rezava contando histórias.

Isto foi há tanto tempo e me pergunto: qual é a importância do contar histórias para as sociedades contemporâneas movidas pelas máquinas e pelos encontros virtuais? Ao que parece, as pessoas já não valorizam mais estar com seus parentes e amigos no calor dos encontros para a escuta de histórias. Hoje vemos bebês com menos um ano de vida, cujos “brinquedinhos” são telefones celulares com suas luzes ofuscantes e com histórias, muitas delas, cheias de enredos imbecilizantes. Em meio ao barulho das televisões, dos computadores o que permanece é um estranho e incomodo silêncio. A sensação de solidão em meio a muitas pessoas passa a ser a realidade mais próxima do homem moderno. Neste início de século nossa vida está cada vez mais difícil e mais complicada. As máquinas e a tecnologia, ao contrário do que se pensa, muitas vezes nos dão mais trabalho considerando que hoje tudo é *self service*. Você tem que se virar sozinho usando os números e códigos que as

² O termo “contação” é um neologismo criado pelos contadores de histórias da atualidade. Neste trabalho, os termos: “contos” e “histórias”, são entendidos pelo mesmo significado e ao nos reportarmos a eles, estamos nos reportando aos contos da tradição oral.

secretarias eletrônicas te oferecem. Parece que ninguém ajuda ninguém. Ouvir um humano orientando-o pelo telefone é coisa rara. O homem está sendo substituído por máquinas. Ademais, junto com a nossa imensa capacidade de armazenar informações fomos perdendo as nossas histórias para reproduzirmos as histórias que a mídia conta, quando todas as noites os jornais televisivos invadem os nossos lares e, assim, vamos sendo levados pelo fluxo de interesses de histórias que não nos pertencem, mas determinam nosso humor e até mesmo nossos comportamentos.

Meu objeto de interesse aqui, no amplo espectro do próprio tema, tem um recorte preciso: apresentar a arte narrativa, observando-a como um recurso para processos arteterapêuticos e o seu correspondente: conto de tradição oral. O lugar de onde falo é, portanto, tecedura das extremidades do mesmo fio: experiência de quem ouve e de quem conta a “palavra cantada”. Experiência de quem aprende com os contos e de quem ensina a contar contos. Daí que as reflexões que buscamos, ao longo deste trabalho, concretizam-se nas questões dos arteterapeutas, em formação, que trazem inquietações sobre a utilização dos contos no *setting* arteterapêutico, isto é: a contação de história se configura como um recurso nos processos de arteterapia? Por que contar histórias? Que história contar?

Arte Narrativa: um simples prazer que faz a diferença

O trabalho do contador de histórias é
viajar nas histórias para curar almas
no caminho do tempo.
(Desconhecido)

A arte narrativa que implica num simples prazer de estar com as pessoas, constitui-se quase que como um desafio, dos mais difíceis, nas modernas sociedades. Minha tendência é me preocupar com estes assuntos porque acho importante procurarmos caminhos alternativos para a convivência³. Um dos caminhos que vejo vem da simplicidade. Às vezes fico pensando que faço parte de uma espécie em extinção: aqueles que como minha avó dizia são “gentistas”, gente que gosta de gente. Sou uma contadora de histórias. Sou uma contadora de histórias dos moldes de antigamente. As pessoas gostavam de se encontrar para tomar um café, contar e ouvir histórias. Lembro-me que minha avó dizia que, por educação, quando alguém chega em nossas casas, oferecemos um café – esse é um jeito de dizer que estamos gostando daquela companhia. Era assim antigamente e tínhamos tempo para as nossas visitas. E hoje? Hoje, pegamos a cafeteira elétrica, ligamos na tomada, tiramos do *freezer* o pão de queijo congelado; ligamos o forno micro-ondas; o telefone toca, sua filha te chama, e você diz: - cala a boca que estou no telefone... sua visita, que avisou há um mês que ia à sua casa, de repente, resignadamente vai embora. Antigamente na casa da minha avó, as coisas eram diferentes. Lembro-me bem. Com muita alegria as pessoas chegavam quando queriam, não precisavam avisar. Na cozinha, que se tornava a sala de visitas, havia o borrarho (fogão à lenha) que estava sempre aceso com uma chaleira de água a ferver. Moía-se o pó de café, enquanto a água entrava em ebulição, Nega Julia jogava o pó moído na hora e o aroma de café fresco incensava a casa e pairava no ar. Este era o *leitmotiv* para o início de uma boa

³ Meu desejo é sempre o de ensinar aos pais sobre a importância de contar e ouvir histórias, pois acredito que esta, como no passado, é uma das melhores formas para a agregação de pessoas com interesse comum. Além de não me esquecer nunca que Guimarães Rosa, dizia que contar histórias é um ato de amor.

conversa, regada é claro, por contos. Isto para mim, é um comportamento gracioso para receber alguém; gestos de educação, como diria minha avó; gestos de acolhimento; de atenção para com o outro, e aí sim, faz-se vínculos, pelas prosas que se desenrolam, pela alegria de conversar com olho no olho, pelos sorrisos, pelo prazer de estar com as pessoas.

Minha avó costumava dizer que a gente não nasce com amigos. Amigos são conquistados ao longo da vida. E, não será uma verdade a necessidade da conquista de uma vida menos complicada? Mais amistosa? Menos apressada? Menos competitiva? Não será uma necessidade humana, estar presente na delícia de uma boa conversa? Prestar atenção na beleza e no poder dos contos de tradição oral que podem ser compartilhados nestes encontros? Aprender com os contos! Esses são espaços de encontros preciosos onde se tem tempo para os sonhos, para o devaneio, para desenvolvermos nossas imaginações....

Pronuncia-se, então, uma palavra necessária para a manutenção do laço social, no caso, sempre um conto, que sustente e nutra o imaginário, divulgando e confirmando necessidades humanas de estarmos em grupo, de estarmos juntos para trocarmos saberes. Afinal, quando contamos uma história nos mostramos por inteiro; deixamos claros nossos valores, nossos entendimentos sobre a vida, e aquilo que pensamos valer a pena ser cultivado para se ter uma boa vida. Tudo isso transparece. Contudo, falar desta arte pressupõe possibilidades de relacionamentos interpessoais, que a meu ver desembocam numa forma de educação, como na antiga Paidéia. Uma educação interdimensional, por assim dizer, na qual as diversas dimensões do

humano são consideradas, a saber: logos (razão), Páthos (sentimentos), Eros (corporeidade) e Mythos (espiritualidade).

Ouvir histórias oferece uma experiência, e o que será esta experiência, senão, confissão dos lugares onde se chega pelas próprias experiências? Assim, contar e ouvir histórias é uma arte que vai do individual ao coletivo. É a arte da voz e a arte da “presença” que transmite a quem ouve uma experiência. Uma experiência que é até capaz de produzir *catarses*. É uma experiência transformadora.

Desde muito cedo, como podem perceber, interesse-me pelos seres humanos e pelo que eles contam. Parece-me um privilégio, enquanto pesquisadora, ter tomado um objeto por estudo que pertence ao mundo do qual faço parte por dentro e por fora, vamos assim dizer. Sem dúvida o desafio é a quase impossível tarefa de romper com a experiência pessoal, e não negá-la, para assim conseguir conhecimentos sobre o universo que se habita há tanto tempo, passando do lugar de quem conta para o lugar de quem ouve, ou do lugar de quem ouve para o lugar de quem conta. Transito, portanto, dos dois lados, como pássaros do mesmo bando.

Estudando os contos de tradição oral, descobri que a vida é relacionamentos e estes, são tecidos no calor das emoções e das trocas. Descobri que os contos são excelentes instrumentos para processos arteterapêuticos. Descobri que um conto, analogamente, é como a guache, a aquarela, a argila, num *setting* de arteterapia. Descobri que têm a mesma função de gerar emoções e expressões como medos não ditos, anseios não revelados. É um instrumento que traz em si as dimensões da Paidéia. Como já disse, os contos são uma experiência. Os contos nos ensinam muito sobre nós, sobre o outro, sobre o mundo. Servem até de modelos para muitas das

emboscadas que nós mesmos nos colocamos. Ouvir histórias desencadeia um olhar interno e ensina, por vezes, um pensar generoso que entrando em nós, sai de nós pelo sentimento. É o “olhar identidade”; do entrar de um jeito e sair de outro jeito todo o tempo; repaginando pelas tramas (do conto) nossos entendimentos e emoções. Agora, assim como é preciso saber quando e porque usar aquarela, quando e porque usar guache, quando e porque usar argila num contexto arteterapeutico, é igualmente importante saber que história contar e porque contá-la. Falaremos sobre, oportunamente.

Tecendo o invisível: as emoções

A palavra contadora é uma
Palavra carregada de elan,
de entusiasmo.

Hindenocho (1993)

Contar Histórias é uma herança dos nossos antepassados, onde se vê logo a ligação do homem com a palavra. Falar de tradição oral é falar de uma herança que nos dá identidade. Herança de um povo que reconhece o poder das palavras que são passadas de geração para geração, como depositária de uma cultura. Uma cultura onde os ensinamentos são passados pela tradição oral. Para essa gente, “contar uma mentira é cometer uma lepra moral”, diz Hampatè Bâ, e, continua: ...na África os anciãos são a memória viva de seu povo e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito deste povo, terá validade a menos que, se apoie na herança transmitida pela oralidade (HAMPATÈ BÂ, 1982 p. 201). Para eles, quando alguém pensa uma

coisa e diz outra, separa-se de si mesmo criando desarmonia dentro e ao redor de si. Então, contar história trata-se, para este povo, de uma ciência da vida.

Ouvir Histórias tece emoções como uma experiência completa, porque tem um valor afetivo-moral. Ao ouvirmos um conto de tradição oral, temos a experiência do outro ao alcance das nossas mãos; do outro que se dirige a mim, que me olha, que se importa comigo, que me emociona, com suas palavras “bem-ditas”. O som nos invade por completo, passa por nós deixando uma emoção. Ao ouvir uma história, todo o nosso corpo torna-se uma unidade auditiva porque estamos no centro do campo sonoro. Como os mantras, o som preenche também o ambiente à nossa volta, atingindo a todos. Isto por si só, como diz Anatole France (1921), em *Le Jardin D’Epicure*, “é sensual...” e reconduz a natureza humana, deixando nos ouvintes uma sensação de pertencimento. O sabido é lembrado, aprendido, compartilhado. Por sua vez, a voz do contador assume a autoridade de quem se guia pela lembrança luminosa de uma vida balizada pela experiência que lhe foi passada de pessoa para pessoa, tal como Nega Julia, recebeu de seus antepassados, lá no Congo, dizia ela.

O contador apresenta o conto como um ponto de sabedoria; ensinamentos de uma tradição na qual a palavra do narrador é viva, ângulosa e carregada de elan e entusiasmo (FRANCE, 1921). Desde aí, indagamos: quais são as nossas experiências se estamos diante de uma sociedade engajada no que os sociólogos chamam de “a lógica do efêmero”? Lógica na qual as imagens aparecem de todos os cantos, numa poluição visual sem fim. Uma sociedade super informada, informatizada, hiper compartimentada, que transformou os saberes, os valores e o meio ambiente irremediavelmente modificados pelos meios de comunicação e

informática. Como entender os saberes que nos são passados (e às nossas crianças), por programas da televisão como os do Ratinho ou Pânico? Estariam eles, à propósito da figura do narrador, trocando experiências conosco e sugerindo que continuemos a história?

Enquanto professora do curso: A arte de Contar e Ouvir Histórias na Contemporaneidade, ministrado no Instituto Sedes Sapientiae, há mais de vinte anos, gosto de pensar que a voz que narra um conto é um “além da fala”; isto é, quando alguém se propõe a contar um conto, este alguém, deve saber que conto contar, porque contar, quando contar e para quem contar a história. Tratando-se, então, dos especialistas em arteterapia é razoável que saibam que há na voz do narrador, outras vozes. Vozes essas, que “magicamente” remeterão o ouvinte ao passado e ao futuro, sem tirá-lo do presente. É, portanto, uma voz ressonante ao mundo de quem ouve. Assim, a palavra narradora, desde sempre, se impôs ao homem como algo mágico, com um poder que permite compartilhar experiências num ritual de afeto e cumplicidade que tece emoções. Então, contar histórias é uma arte da palavra que encontra e dá sentido à relação com o outro e com o mundo. É, portanto, um conjunto capaz de levar o ouvinte a uma suspensão temporal e transportá-lo para o tempo afetivo, não cronológico, imprescindível, eu diria, para atos criativos. Talvez por isso, seja a arte mais antiga e, também a que permanece entre as demais artes, desde muito antigamente. Trata-se da arte da palavra “bem-dita” que tece emoções.

A Arte da Palavra “Bem-dita”

(...) ninguém poderia dizer que as histórias eram inúteis, pois enquanto as línguas estalavam, cinco ou quarenta dedos costuravam, o milho foi descascado e ralado, a colcha foi remendada, e as roupas cerzidas e ao amanhecer (...), as histórias se dissolviam na curva da orelha. Elas se penduravam de cabeça para baixo nas mentes adormecidas das crianças até voarem dentro da noite do Narrador (WARNER, 2000).

As histórias, ao contrário do que muitos pensam, não são coisas para boi dormir. Enquanto trabalhavam, homens e mulheres tinham sua energia nutrida por muitos contos; isto não se perdeu na noite dos tempos. Cada história tem sua utilidade: entreter, divertir, ensinar. Na arte da palavra “bem-dita”, vê-se compaixão. Compaixão em grego quer dizer: sentir com o outro, estar com almas irmanadas, apoio mútuo. Fazer as coisas, por mais simples que sejam, com-paixão; estar com. Nem sempre tudo o que temos que fazer na vida nos deleita, mas aprendi, com os contos, a tornar minhas experiências em momentos os mais agradáveis possíveis. Aprendi que o momento é o agora; aprendi que o passado passou e águas passadas não movem moinho e que o futuro a Deus pertence. Nem sempre consigo, mas continuo tentando.... Minha avó não se cansava de dizer que tínhamos que achar um jeito de encontrar histórias para alimentar a nossa alma e dizia que, reverenciar a vida é sempre um bom jeito. Tratar a vida como algo de suprema importância, cujos valores sejam os pilares de nossa existência. Quais são os valores do homem moderno? Nos contos que minha avó contava, ficava claro a importância de buscar o que há de melhor dentro de nós mesmos – aprender a amar tudo, não só as alegrias e as vitórias, mas, também, a dor e as lutas da vida – como os contos nos ensinam.

Não querer para o outro o que não queremos para nós mesmos. Não será este um exercício para arteterapeutas? Vimos em muitos dos contos de tradição oral, que aqui se faz, aqui se paga; a vida é correta e sempre devolve aquilo que você dá. Serão conselhos, como dizia Walter Benjamin (2009). Veja no conto da Moira Torta, ou no conto: A Casinha da Floresta, ambos dos irmãos Grimm.

O nosso estudo está voltado para a compreensão dos contos da tradição oral enquanto uma das possibilidades para o desenvolvimento de recursos internos, para o homem moderno. Entendemos que os recursos internos quando explorados reanimam a capacidade humana do brincar, do sonhar, do fantasiar e do desenvolver ações criativas na vida. Um recurso com pretensões emancipatórias porque um conto guarda, como nos diz Nelly Novaes Coelho:

(...) o sobrenatural, o maravilhoso, as metamorfoses, o destino... são a grande presença. Em todos há sempre grandes provas a serem vencidas para que as personagens alcancem o que desejam. Entre o real do cotidiano e o mistério do imaginário, desaparecem as fronteiras, mostrando a vida como algo muito difícil de ser enfrentado, mas talvez, por isso mesmo, extremamente valiosa e merecedora dos mais extremos sacrifícios. Em Grimm predomina a atmosfera da leveza, do bom-humor ou alegria que neutralizam os medos existentes na raiz de todos os contos (COELHO, 1991 p. 85).

Isto, para mim, é fantástico. Por quê? Porque, conseguimos assistir a rota de muitos dos destinos humanos, sempre com provas a serem superadas, e, o mais promissor: a felicidade sempre à nossa espera!

Arteterapia e Contação de Histórias

O trabalho de um arteterapeuta
Contador de histórias é viajar nas
Histórias para curar almas...

Um arteterapeuta contador de histórias, certamente carrega em sua bagagem um compromisso: usar sua mente, sua alma e seu corpo, nos seus afazeres, como um sacro-ofício. Um arteterapeuta, tem o compromisso de facilitar a expressão do outro oferecendo-lhe as várias linguagens da arte. Curioso, quando penso nisso, sempre me vem à mente algo de sagrado. Tudo o que Deus criou é potencialmente sagrado. Nossa tarefa, como humanos e, sobretudo, como arteterapeutas que lidam com outras almas é sagrada. Nossa tarefa é encontrar este sagrado em situações que aparentemente nada têm de sagrado. Refiro-me à importância de termos em nossa bagagem o compromisso de vivermos nosso dia-a-dia atentos para as qualidades básicas e cotidianas da vida, como a beleza, a intimidade, a sociabilidade, a imaginação; de observarmos os pensamentos e as sensações que tecem nossas emoções, diariamente. Só assim poderemos compartilhar o que temos. Gosto de me lembrar que ninguém pode levar alguém aonde nunca foi. É preciso conhecer o caminho, conhecer a floresta sagrada, conhecer e acender a fogueira sagrada, é preciso saber contar a história que nos ajuda a não nos perdermos de nós mesmos. O conto apresentado abaixo, pode nos ajudar nesta reflexão.

O Homem que Contava Histórias

Era uma vez um homem que cansado de ver as pessoas de sua cidade sempre tensas, angustiadas e tristes, resolveu fazer algo por elas. Como sabia de cor lindas histórias, sentou-se num banquinho e pôs-se a contar e a contar... e assim o contador de histórias passava seus dias... A princípio, algumas pessoas paravam para ouvi-lo curiosas, mas só ficavam um pouquinho, pois tinham muita pressa, seu tempo era tão curto. Mesmo assim, o homem não desistia: todos os dias punha o seu banquinho na praça, e contava as suas histórias repletas de magia e fantasias.

O tempo passou....

Um dia, o contador de histórias, narrava para uma plateia inexistente, um maravilhoso conto, quando um garotinho lhe puxando pela manga, o interrompeu. - Ei tio! Será que você não percebeu que não tem ninguém ouvindo? Por que você insiste em contar histórias?

Então, o sábio homem respondeu:

- Olhe, meu filho, antes eu contava histórias pensando em mudar o mundo; hoje e conto histórias para que o mundo não me mude... (Conto de tradição oral- sem autor).

O conto acima nos convida a pensar sobre os nossos valores; sobre aquilo que achamos importante cultivarmos na vida. Um Contador de Histórias arteterapeuta, a meu ver, é um leitor do mundo, da vida, dos gestos, dos sons e do silêncio. Desde aí, ele precisa saber que história contar e porque contar histórias. Para isto ele necessita de preparo, como nos mostra o conto abaixo.

O anão

- Conta-me uma história – pedia-lhe a moça. Tenho de pensar respondia-lhe o narrador. Ora acontecia que por vezes, o tempo que levava em sua meditação era longo demais para ela, que se zangava. Mas ele balançava a cabeça e respondia impassível: - Você deve ter um pouco mais de paciência. Uma boa história é como uma boa montaria. A caça brava fica escondida e é preciso armar uma emboscada e ficar de tocaia horas e horas a fio, na boca

dos precipícios e da floresta. Os caçadores mais apressados e impetuosos afugentam a caça e nunca obtêm os melhores resultados. Deixa-me, pois, pensar. Mas, desde que tivesse meditado o tempo bastante e começasse a falar, não mais parava enquanto não tivesse contado a história completa, que corria ininterrupta e fluentemente como um rio correndo montanha abaixo e em cujas águas tudo se reflete – desde a mais pequena folha de grama, até o azul da abobada celeste. Convertia-se num ser todo poderoso, assim que iniciava mais uma demonstração de sua arte, pois aprenderá a arte de narrar no oriente, onde esta função é altamente apreciada e seus praticantes são considerados uma espécie de magos. Jamais começava suas histórias em países estranhos, para onde o espírito do ouvinte não pudesse voar com força própria. Principiava sempre com algo que os olhos da imaginação pudessem ver, depois imperceptivelmente, levava a imaginação dos ouvintes para muito bem ele queria, de modo que a narrativa transcorria com naturalidade. Quem o escutasse absorto em suas palavras, embora continuasse tranquilamente sentado, o espírito já vagava alegre e receoso, pelas regiões mais fascinantes. Assim, era a maneira de ele contar as suas histórias. Você pode encontrar este e outros contos maravilhosos, no livro de HESSE, Herman (s/d): O anão. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Record, s.d.

Saber *da* história e saber *a* história, faz toda a diferença e pode mudar o curso de uma experiência. Saber *da* história (do paciente) implica um delicado conhecimento das necessidades de alguém (de um povo) e saber *a* história (um conto), implica em não inventar a roda novamente, como dizia Mircea Eliade (1991). Destaque-se deste conhecimento, o conforto para o arteterapeuta de saber onde encontrar aquilo que o outro necessita. O Contador de história acima citado, assim como o arteterapeuta, necessitam de um tempo para encontrar o conto certo para a pessoa certa, pois, no mundo simbólico dos contos, e no fio das histórias, como na

linha da vida, cada um tece o seu tapete..., mas, sempre a partir do fio que entrelaça a vida dos humanos.

Trabalhar com contos de tradição oral – e vamos referendar aqui, para os arteterapeutas, os contos coletados pelos irmãos Grimm por salvaguardarem uma fidedignidade ao plano simbólico deles – é ter acesso ao mundo inconsciente. E, como sabemos a única linguagem que o inconsciente sabe falar é a simbólica. É bom lembrar que a literatura infanto-juvenil mostra que os irmãos Grimm se empenharam para não alterar por demais os enredos dos contos, portanto salvaguardaram o plano simbólico, tão importante para desvendar conteúdos arquetípicos, por meio dos símbolos: matéria prima para os arteterapeutas. Trabalhar com este material simbólico, veículos dos contos exemplares, é trabalhar com conteúdo que afeta a expressão de muitos dos nossos sentimentos. Certamente, os contos de tradição oral devem ser compreendidos pelo caráter universal dos seus temas: amor, desamor, ira, astúcia, ciúme, crueldade, abandono, perdas, esperanças. São temas que revelam, e muito, dos relacionamentos humanos. E, seguindo as construções de Hesse, observamos que:

Não há nada que eu possa te dar que já não exista dentro de ti mesmo. Apenas posso propor outras imagens além das tuas... E assim ajudo a tornar visível teu próprio universo (HESSE, p. 24).

É importante que o arteterapeuta contador de histórias saiba, que é bem este, o trabalho que os contos da tradição oral fazem conosco: ajudam a tornar visível o nosso mundo interno, isto é, o que há em nós de mais premente.

Há mais de três quartos de século, Carl Gustav Jung, famoso psiquiatra, suíço, abriu portas para o mundo interior, apresentando-nos o que ele chamou de arquétipo e inconsciente coletivo. Apresentou tais conceitos como sendo uma herança da humanidade. Isto é, temos em nós muitas potencialidades que ditam os nossos comportamentos, representados pelo que o autor chamou de arquétipos: herança da humanidade. Sendo estes uma energia que nos afeta alterando, por vezes, os nossos jeitos de ser e de estarmos no mundo. O Dr. Jung mostrou que as análises psicológicas cessaram de ser apenas tratamento, para se tornarem um trabalho com vistas a favorecer o crescimento interior do indivíduo, cuja finalidade, não é só lidar com enfermidades, mas antes, é construir o fortalecimento interior de cada pessoa, para lidar com as adversidades da vida. É por isso, que costumamos dizer que ouvir uma história é uma verdadeira experiência, e, é por isso também, que aprendemos e muito, com os contos de tradição oral, uma vez que, fazem jus aos arquétipos, cujo *locus nascendi* está no inconsciente coletivo da humanidade.

A psicologia Junguiana, vê os contos como representações simbólicas de problemas comuns à era humana. Minha avó dizia que onde está a doença está também a cura. Os contos, apresentam em seu desenvolvimento, formas de solucionar tais problemas. Sua estrutura é clara e norteadora, com começo, enredo, clímax e desfecho. Os enredos demonstram um fluxo de questões que desembocam

ou travam nos relacionamentos interpessoais. Observe-se ainda, que os mesmos contos, apresentam a problemática e, no seu curso, oferecem, por vezes, conselhos e dicas, mas, sempre apresentam indicações de como seguir por um caminho de superação rumo a uma nova vida. Apresentam o problema, mas também a saída para tais problemas. Na prática, a contação de histórias, no veículo da voz que diz o Era Uma Vez..., faz um movimento na vida das pessoas, pois que, os protagonistas, como modelos, demonstram como podemos suportar determinadas situações que muitas vezes nos parecem insuportáveis e como devemos persistir apesar das adversidades. Ao nos aproximarmos de tais contos, estamos super utilizando um nível subjetivo de compreensão; um nível que funciona individualmente. Funciona como remédio, eu diria, tal como os sonhos, no qual, cada personagem que aparece no conto/sonho, pode ser visto como um traço da nossa personalidade (VON Franz, 1990), como por exemplo, quando aparece num conto, uma bruxa, dizemos que a bruxa é a própria representação do nosso lado bruxa, afinal, todos somos, ora fada, ora bruxa.

Trabalhar com o legado dos contos tradicionais é acessar um universo intenso e maravilhoso para um trabalho arteterapêutico. É trabalhar com um composto de energias invisíveis; é trabalhar com o domínio de forças que, muitas vezes, não são percebidas, mas que vivem em nós. Os contos salvaguardam uma inteligência arquetípica universal, como já vimos; herança dos nossos antepassados. Seu domínio é muito maior do que imaginamos, é algo com vida própria capaz de alterar comportamentos e, portanto, relacionamentos e, por conseguinte, alteram nossas vidas. Minha experiência conta que sempre para melhor. Isto porque, os contos como dizia Bruno Bettelheim (1986), falam ao ego em germinação e, ainda, como

apresentou, Marie Louise von Franz (1990), falam diretamente – através do seu plano simbólico – ao nosso inconsciente. Como isso funciona? Veja, os símbolos expressam imagens e essas imagens contidas nos contos, são reveladoras de padrões arquetípicos fundamentais para a compreensão de muitos dos comportamentos humanos. O caminho dos mitos, dos arquétipos é um bom caminho para compreendermos comportamentos muitas vezes inadaptados.

Bons contos são sempre surpreendentes. Algumas vezes, por meio da sua riqueza simbólica, ela, a história, atua como uma chave que abre as fronteiras do inconsciente para lá jorrar luz, trazendo informações para a consciência. Segundo os junguianos, há dois caminhos para este acesso: um, por meio dos sonhos e outro por meio da imaginação. Ambos canais de comunicação que a psique desenvolveu para que consciente e inconsciente pudessem conversar. Aí está um dos grandes construtos de Carl Gustav Jung: a função transcendente (GRINBERG, 2003). A linguagem dos símbolos é então, segundo Dr. Jung, a linguagem do inconsciente. Os contos de tradição oral, nos moldes que estamos aqui apresentando, para os arteterapeutas especialmente, são ricos em imagens, o que nos leva a considerar que trabalhar com os contos tradicionais é um caminho de acesso que toca o mundo interior de quem com eles lidam. Assim, trabalhamos com os contos de tradição oral, utilizando aportes da teoria da Psicologia Analítica Profunda, empregando-os à prática dos processos arteterapêuticos, não fechando respostas, mas abrindo caminhos com uma postura fenomenológica.

Dizer que um conto tradicional *cura*, pode parecer bastante pretencioso, contudo, é importante entender que, em princípio, ninguém cura ninguém. Já

repetimos isto algumas vezes, dada a sua importância. Considero importante aqui tecer algumas considerações sobre apresentar e chamar atenção para os contos com potencial para transformar e “curar” muitas das inquietações dos nossos pacientes/clientes. Obviamente isto tem a ver com minha prática clínica, onde por muitos anos empreguei o conto tradicional como um instrumento facilitador do desenvolvimento humano e, continuo empregando.

Trabalhei durante longos anos com crianças pequenas, orientei mãe de bebês recém-nascidos que choravam muito, a contarem histórias para os seus bebezinhos; trabalhei com adolescentes e adultos em várias situações, sempre utilizando o conto tradicional como uma rica ferramenta de ação arteterapêutica. E, em virtude disso, aprendi que *curar* significa dar assistência a um paciente/cliente; dar os meios adequados para que ele se possa “curar”. Curar a si mesmo. Já, o verbo *sarar*, também do latim, significa recuperar o juízo, a sensatez. Então, “curar” refere-se a um processo que se origina de fora para dentro. É ordenado por terceiros (arteterapeuta, psicoterapeuta, médico, xamãs, com os instrumentos que lhes são próprios). Mas, esse processo, deve ser complementado, necessariamente, com o de “sarar” que se refere a um caminho que acontece de dentro para fora. Isto é, um processo que é conduzido pelo próprio indivíduo, pelo próprio paciente/cliente; como agente do seu processo de crescimento. Então, curar e sarar se complementam no ato do restabelecimento da saúde, física, mental, psíquica ou espiritual. (FRANKEL 2012). Parece pretencioso, mas estou convencida de que narrando a história certa, no momento certo, para a pessoa certa, transformações na vida da pessoa acontecem. Assim, podemos entender aqui o termo “curar” como tendo um sentido de

transformações; no sentido de tomada de consciência daquele oculto que impede o fluxo de uma vida harmoniosa. Trata-se de ampliar percepções. Isto, creio eu, leva a significativas transformações, que neste caso, compreende-se, como *cura*.

Assim, gostaríamos de dizer que todo aquele que abraça a função de acolher, conduzir e tem vocação de ajuda, a meu ver, conta com o privilégio de ser um observador do maravilhoso processo de desabrochar do humano e, que, o trabalho com o conto de tradição oral, dentro de um contexto arteterapêutico, é um espaço de descobertas como possibilidades para uma remodelação criativa da própria alma.

Estórias que mudam Histórias

Minha experiência com a arte de contar e ouvir histórias, também conhecida e chamada de “palavra cantadora”, “a boa palavra”, palavra “bem-dita”, “palavra encantada”, mostrou que o conto, a *Estória* (como se escrevia antigamente para fazer referência aos contos) pode alterar a História de vida de uma pessoa, pois o que a palavra (conto), diz ela cria. Mostrou que trabalhar com contos, leva a imaginação do ouvinte a viajar, atravessar mares, fronteiras, ocupando e alimentando o imaginário. Trata-se de um contato com forças da imaginação que não se prende a uma só visão, mas, ao contrário, reflete uma disposição que pode encontrar algo além das estruturas. Tais contos podem ser reconhecidos como espelhos nos quais nos reconhecemos com nossos problemas (eternos) e com propostas de soluções que só podem ser elaboradas na imaginação. É um material que tem em seu bojo, questões existenciais e éticas, imediatamente decifradas por uma sensibilidade que é própria

dos humanos – porque de certa maneira, cada um produz o seu próprio real. Por isso, este real é fantástico, assim como o fantástico é real. Podemos dizer que o fantástico produz um encantamento que produz, por sua vez, um mundo diferente do mundo da razão e, neste mundo, tanto o arteterapeuta (contador) como o paciente/cliente (ouvinte) entram para a satisfação dos seus sentidos enquanto estão na história: os dois se beneficiam, se posso assim dizer. As palavras sementes para este trabalho seriam: prazer e eficiência, na arteterapia.

Fechando as cortinas

O trabalho com o conto de tradição oral é um dos pontos mais instigantes para a minha vida. Foi e continua sendo. Fácil? Não. Subi altas montanhas em busca de significados. Desci grande vales em busca de construções teóricas, e isto, foi ao mesmo tempo, descer ao reino de Hades – como Persefone –, com a tarefa de discriminar as sementes – como Psiquê –, separar e escolher os contos capazes de germinar, dar flores e frutos – como Vassalisa.

Notei que não se chega a reino nenhum de mãos vazias. É preciso levar uma oferenda e eu levei a minha experiência com a escuta de contos e o meu desejo de mostrar o quanto os contos de tradição oral e a contação de histórias são importantes para uma vida simples e equilibrada, porque são ricos em ensinamentos, sabedorias. Desta jornada, saio com a certeza do meu compromisso, prazeroso, de ter como instrumento de trabalho a honra de ter uma palavra encantadora que desencanta, se posso assim dizer, pois, afina, como dizia Guimarães Rosa: “Contar Histórias é um ato de amor.” E só o amor cura.

Sem a pretensão de conclusões de quem chegou ao final, mas com o desejo de continuar no caminho de descobertas dos efeitos dos contos para a vida humana, convido você leitor a fazer suas próprias investigações com os contos de tradição oral. Ah! A simplicidade!

Que você querido leitor (a), enxergue beleza numa vida simples ao contar e ouvir histórias.

Benção para você! Benções para todos nós!

Data de recebimento: 08.11.2019
Data de aceite 1º parecerista: 06.08.2020
Data de aceite 2º parecerista: 17.08.2020

Referências

BENJAMIN, Walter. **História e Narração**. São Paulo. Perspectiva, 2009.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

COELHO, Nelly. **O Conto de Fadas**. São Paulo, Ática, 1991.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico religioso. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

FRANK, Victor. **Em Busca de Sentido**: Um psicólogo no Campo de Concentração. São Paulo, Vozes, 2012.

FRANCE, Anatole. **Le Jardin D'Épicure**, Marchè, Ed. Calmann Levy, 1921.



GIORDANO, Alessandra. **Contar Histórias**: um recurso arteterapêutico de transformação e cura. São Paulo, Artes Médicas, 2007.

_____. **Contos que Curam**. São Paulo, WAK, 2020.

GRINBERG, Luiz Paulo. **Jung**: o homem criativo. São Paulo, FTD, 2003.

HAMPATÈ BÂ, Amadou. A tradição viva. **História Geral da África**, Vol. I, São Paulo, Ática/UNESCO, 1982.

HESSE, Herman. O anão. In: **O Livro das Fábulas**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Record, s.d.

VON Franz, Marie Louise. **A interpretação dos contos de fadas**. Trad. Maria Euci Barbosa. São Paulo. Edições Paulinas, 1990.

WERNER, Marina. **Da Fera à Loira**. Sobre os contos de fadas e os seus narradores. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

Artigo

De Torres, Teares e Tendias: Correlações entre o Feminino e o Tecer à luz da Psicologia Analítica

About Towers, Looms and Tents: Correlations between the Feminine and the Weaving at the Understanding of the Analytical Psychology.

Oneide Regina Depret

Resumo

Trata-se da síntese de estudo desenvolvido para obtenção do título de Especialista em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica, apresentado à Universidade Paulista (UNIP), que aborda o atributo feminino de tecer, correlacionando-o simbolicamente às histórias e à escrita, à luz da Arteterapia e da Psicologia Analítica. Para tal relata passagens do filme *Colcha de Retalhos*, relacionadas a conceitos da psicologia junguiana a fim de ilustrar a utilização de histórias como veículos para estimular a ressignificação da própria história de vida e a transformação pessoal, portanto, contribuindo para o processo de individuação, conceito central desta abordagem. Histórias marcantes num determinado momento da vida podem espelhar e traduzir aspectos que se está vivendo, e, associadas a atividades expressivas podem favorecer a ampliação da consciência, o olhar para novas possibilidades e promover a capacidade de trilhar caminhos e enfrentar os obstáculos com maior autonomia. Apresenta ainda exemplos de propostas arteterapêuticas que podem ser realizadas com histórias que entrelaçam aspectos simbólicos do feminino vinculados ao tecer - inclusive, a própria vida, associadas a atividades expressivas e criativas utilizando fios, em processos que visam ao autoconhecimento e ao crescimento psíquico em contextos pedagógicos, preventivos e terapêuticos.

Palavras-chave: Arteterapia; Psicologia Junguiana; Tecelagem; Feminino; Histórias.

Psicóloga (USP), arteterapeuta (UNIP), especialista em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica (UNIP). Mestre em Ciências (UNIFESP). Docente, supervisora e orientadora em cursos de Pós-Graduação Lato sensu em Arteterapia e em Mitologia Criativa, Contos de fadas e Psicologia Analítica. Atende em clínica particular, integrando Psicoterapia e Arteterapia, coordena cursos e grupos de estudo e supervisiona profissionais atuantes em Arteterapia nos contextos preventivo e terapêutico. Contato: email: oneidepret@gmail.com whatsapp (11) 99827 8010. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5026584993625073>

Abstract

It is the synthesis of a study being developed in order to obtain the Specialist in Creative Mythology, Fairy Tales and Analytic Psychology title, presented at the Universidade Paulista (UNIP), which broaches the feminine weaving attribute, correlating it, symbolically, to the stories and writing, at the understanding of the Art Therapy and the Analytic Psychology. In order to do so, we relate events of the film *How to Make an American Quilt*, related to the Jungian Psychology concepts in order to illustrate the utilization of stories as being vehicles in order to stimulate the re-meaning of the life history itself and the personal transformation, thus contributing to the individuality process, which is the main concept of this approach. Marking stories at a certain moment in life are able to reflect and express aspects that a person is living, and, linked to expressive activities, are able to favor the perception amplification, the seeking of new possibilities and to promote the capacity to follow roads and face obstacles with greater autonomy. It also presents examples of therapeutical art proposals that can be performed with stories that interlace feminine symbolic aspects linked to the weaving – inclusively, to life itself, linked to expressive and creative activities utilizing strings, in processes that seek self-knowledge and psychic growth in pedagogic, preventive and therapeutic contexts.

Key words: Art Therapy; Jungian Psychology; Weaving; Feminine; Stories.

Resgatando os fios: Retomando o caminho pessoal

Há muito me interesse por histórias! Refletindo sobre o meu percurso de vida encontrei muitas histórias que me marcaram, tanto em livros quanto em filmes, em diferentes fases. Acredito terem espelhado e traduzido aspectos que estava vivendo, mostrando-me possibilidades que não via e ajudando-me a trilhar caminhos e enfrentar os obstáculos como heroína da minha própria jornada. Percebo que várias delas entrelaçam aspectos do feminino vinculados a um dos seus atributos simbólicos, a capacidade de tecer - inclusive, a própria vida - o que me motivou a apresentá-las, neste estudo, propondo atividades expressivas que podem estimular seu potencial terapêutico.

Joseph Campbell (1990), renomado mitólogo, diz que ao trilharmos o caminho do herói - ou processo de individuação para Jung - nos aproximamos de toda a humanidade. Acreditando que as histórias que nos tocam fornecem pistas para encontrarmos nossos próprios caminhos, espero que estas reflexões possam inspirar o leitor a olhar para suas histórias prediletas com atenção e carinho, sabendo que nelas podem estar o mapa e as chaves que o levarão ao seu tesouro.

Em meu percurso profissional tenho constantemente a oportunidade de observar e compartilhar das angústias e expectativas de pessoas empenhadas em buscar novo sentido para suas vidas. E em todos os casos tenho percebido o poder que as histórias aliadas aos recursos expressivos e criativos têm de emocionar, resgatar sentimentos, estimular potenciais e mostrar novas possibilidades existenciais.

Em meu próprio processo de estudo, pesquisa e atuação profissional, identifiquei um fenômeno mencionado por Furlanetto (2008), quando relata situações em que pesquisadores se deparam com imagens simbólicas, como metáforas, que passam a definir ou interferir na condução de seus trabalhos. Por isso, mais uma vez, optei por utilizar as imagens simbólicas representadas tanto pelo filme “Colcha de Retalhos” quanto pelo processo de tecelagem manual como fios condutores deste texto.

Escolhendo os fios: reflexões sobre a tecelagem manual

Recorro a Chevalier e Gheerbrant (1990) para falar da tecelagem do ponto de vista simbólico. Segundo os autores, tecido, tear, roca, fuso, e atividades como fiar ou tecer, são todos símbolos do destino e designam tudo o que rege ou afeta o destino dos homens. Além disso, importantes deusas, em várias mitologias, “trazem na mão fusos e rocas e controlam, não somente os nascimentos, mas o decurso dos dias e o encadeamento dos atos.” E arrematam: “Fiandeiras e tecelãs abrem e fecham indefinidamente os ciclos individuais, históricos e cósmicos.” (p. 873)

Atena, na Mitologia grega, é a deusa que ensinou à humanidade, entre outras técnicas, a tecelagem (BOLEN, 2005). Faz sentido: tecer exige estratégia, planejamento, organização, atributos da deusa da sabedoria e da guerra, além de paciência.

Agora, recorro à minha própria experiência para falar da tecelagem manual concretamente. O urdume ou urdidura é a base do tecido, se constitui de muitos fios cortados com o mesmo tamanho e dispostos meticulosamente, ordenados segundo um esquema pré-estabelecido e fixados nas duas traves (bobinas) do tear. O número e comprimento dos fios são calculados dependendo das dimensões que se pretende que a peça finalizada tenha. Definido e colocado no tear, o urdume não é mais alterado. Ele é o suporte do tecido e, dependendo da técnica utilizada, pode desaparecer na peça pronta.

Faço um paralelo com o destino, com a linha da vida, pois alguns aspectos da nossa vida são fundantes, previamente dados, imutáveis: condições de nascimento e

infância, constituição física, família de origem, para falar de alguns. Formam a nossa base, embora nem sempre estejamos conscientes disso.

Mas depois a individualidade, a criatividade e habilidade do artesão podem se manifestar: iniciamos a trama, onde podemos escolher a qualidade, a cor, a textura dos fios utilizados. Estes podem ser alterados, trocados, acrescentados, substituídos a qualquer tempo. Podemos também colocar apetrechos, intercalar com materiais diversos, incorporados ao bel prazer do tecelão, tanto enriquecendo, quanto às vezes, sobrecarregando o aspecto final. A trama pode até ser “desmanchada” para acertar algo que “não deu certo” ou não nos agradou. Parecem corresponder aos fatos, às decisões e atitudes que, conscientemente ou não, escolhemos e vivemos as consequências. Mas sempre podemos nos responsabilizar por elas e, tomando os fios da vida nas mãos, recomeçar, de modo diferente, mais compatível com o momento vivido.

É o que faz a Moça Tecelã da história criada por Marina Colasanti (2004), quando não se sente satisfeita com o rumo que sua vida tomou.

Aliás, além desta, são muitas as histórias que fazem a relação entre o que vivemos, a trama da nossa vida e os trabalhos com fios, como bordado, costura ou tecelagem, a começar pelo mito grego das três fiandeiras do destino, as Moiras.

Montando a urdidura: apresentando a fundamentação teórica

A partir do referencial da Psicologia Analítica podemos utilizar mitos, contos de fadas, sonhos e expressões artísticas como recursos para favorecer o acesso a

conteúdos e potenciais inconscientes, com o intuito de enriquecer a consciência e tornar o ser humano mais íntegro e saudável (JUNG, 1986).

Jung considera como a maior tarefa da vida, o que chama de processo de individuação, que pode ser definido simplesmente como “tendência instintiva a realizar plenamente potencialidades inatas”. Porém, sendo a psique formada por forças opostas, às vezes com conteúdos conflitantes há momentos em que a tensão entre eles se torna insuportável (SILVEIRA, 2003, p.77-8).

Freitas (1987) esclarece que no processo de individuação é importante encontrar-se uma forma de favorecer a efetiva comunicação entre o inconsciente e a consciência, a fim de promover a ampliação e progressiva estruturação desta. Embora a comunicação fluida entre consciência e inconsciente seja uma dificuldade encontrada pela maioria das pessoas no decorrer da vida, é possível que algumas encontrem a possibilidade de um frutífero diálogo interno quando conseguem superar as crises de forma construtiva, encarando-as em seu potencial criativo.

Tanto na prática de psicoterapia individual, quanto na coordenação de grupos de Arteterapia, observo que muitas pessoas procuram estes atendimentos quando percebem, de alguma maneira, que suas vidas carecem de significado ou se sentem solitárias, sem espaço adequado para expressar sentimentos e partilhar experiências, tendo a impressão de que apenas elas enfrentam estas questões. Em concordância, Whitmont (1991, p.46) afirma que “a perda do significado e da esperança resulta em depressão e enfermidades”. Mas aponta um caminho de cura quando diz que, mesmo quando as situações causadoras de sofrimento são altamente pessoais, ainda assim representam variações de temas recorrentes da humanidade e podem ser traduzidas,

ampliadas e vistas sob outra perspectiva a partir do contato com as verdades arquetípicas expressas pelos mitos e outras linguagens simbólicas.

Bolen (2005) afirma que o trabalho com histórias visando promover o autoconhecimento se justifica porque estas abordam temas de nossa herança coletiva, despertando sentimento e imaginação. Dessa forma, os mais antigos mitos e contos de fada continuam presentes e relevantes, porque refletem experiências compartilhadas pela humanidade.

Complementando, nas palavras da Bernardo (1999, p. 220),

Assim como a arte, os mitos e contos de fadas podem ser vistos como formas de apreensão, organização e representação de vivências, propiciando a amplificação de temas importantes para o desenvolvimento individual e coletivo. Dentro dessa perspectiva, pode-se, através de uma pesquisa simbólica, fazer analogias entre eles e diversas fases e momentos desse desenvolvimento, sem contudo perder de vista que cada conto, assim como cada obra de arte, por veicular forças que transcendem a consciência individual e o momento histórico em que foram criados, prestam-se a infinitas recriações e interpretações (sem que nenhuma esgote suas mensagens ou dê respostas definitivas às questões por eles propostas).

Encerro este trecho trazendo um conceito importante quando se pensa no uso das histórias como forma de retramar o próprio destino. Trata-se do conceito de mito pessoal, assim definido por Feinstein e Krippner (*apud* ANGWIN, 1996, p.120):

uma constelação de crenças, sentimentos e imagens organizada em torno de um tema central. Os mitos pessoais explicam o mundo, orientam o desenvolvimento pessoal, fornecem direcionamento social e voltam-se para as necessidades espirituais da mesma maneira que os mitos culturais exercem essas funções para toda uma sociedade. Pode-se definir a mitologia pessoal como o sistema de mitos pessoais complementares e contraditórios que informa a noção de realidade de um indivíduo e orienta-lhe as ações.

Para estes autores, “se não temos conhecimento da nossa mitologia pessoal, somos por ela levados de uma forma inconsciente”. Isto se dá porque nossa consciência é estruturada por nossos mitos pessoais, influenciando nossa percepção

e os caminhos que seguiremos. Afirmam ainda que “confundimos aquilo que existe objetivamente no mundo com a imagem do mundo que as nossas lentes distorcidas nos fornecem” (FEINSTEIN; KRIPPNER, 1994, p.11)

Angwin (1996) complementa o que foi exposto, esclarecendo que não se trata de um mito, mas de um sistema de mitos que tenha relação com as questões centrais da vida de uma pessoa, formado por histórias que se complementam ou contradizem. De qualquer maneira, podem servir como pistas, como chaves que “por falarem tanto a nosso subconsciente, [...] têm a propriedade tanto de limitar-nos quanto de libertar-nos, a depender de quais sejam e do grau de identificação (sempre inconsciente) que estabelecemos com eles” (p.121).

Assim, descobriremos o “mito que representa nosso sistema pessoal de crenças pode ajudar-nos a identificar o ponto ao qual estamos presos, além de dar-nos a opção de redesenhar nossos mapas” (ANGWIN, 1996, p.122), ou, como disse antes, “desmanchar” o que já não nos serve e tecer novas tramas existenciais.

Tecendo a trama: entrelaçando teoria e narrativa

Desde muito tempo me emociono com o filme “Colcha de Retalhos”, assim, para ilustrar os conceitos apresentados e a proposta deste estudo resolvi refletir sobre o que ele tem a ver comigo – e quem sabe, com você também, caro leitor...

Como nos contos de fadas, vejo neste filme elementos e passagens que parecem ter conteúdo simbólico porque retratam situações arquetípicas, que pertencem à história de todos nós. Porém, os símbolos são inesgotáveis, têm infinitas possibilidades de interpretação, dependendo do momento em que se entra em

contato com eles. Assim, pretendo apenas tecer considerações, propor correlações e paralelos entre seu enredo, pressupostos teóricos da Psicologia Analítica e a utilização de histórias e recursos expressivos em grupos de Arteterapia.

O filme retrata um grupo de senhoras envolvidas num projeto comum: confeccionar uma colcha de casamento para presentear a neta de uma delas, a quem conhecem desde criança. A própria imagem da “colcha de retalhos” já é sugestiva: parece remeter à ideia de que as experiências, os conhecimentos, as lembranças, os sentimentos e emoções, todos podem ser vistos como os *tecidos* que vão sendo colecionados ao longo da vida. Cada retalho poderia ser visto como um símbolo novo que se vivencia e é integrado pelo processo de elaboração simbólica, segundo Byington (1987), trazendo crescimento psíquico e ganho de autoconhecimento, conseqüentemente, possibilidade de evolução e transformação pessoal.

Gosto de imaginar que estes retalhos podem estar guardados em vários lugares da nossa casa/psique: alguns ficam espalhados pelos cômodos ou nas gavetas em que mexemos toda hora, às vezes nem os notamos por fazerem parte do cotidiano; outros talvez estejam no porão, onde colocamos o que quase não usamos e acabamos esquecendo, ou ainda no sótão, onde fica aquilo que vem sendo acumulado por gerações ao longo dos anos, heranças de família que podemos não ter conhecimento. Para mim, os cômodos mais usados da casa parecem representar a nossa consciência, o que nos é visível e conhecido; o porão poderia corresponder ao inconsciente pessoal, experiências esquecidas, aparentemente sem importância ou mesmo desagradáveis ficam por lá, na sombra: quinquilharias misturadas com preciosidades. Já o sótão, a mim parece representar o inconsciente coletivo onde a

bagagem herdada da humanidade se encontra, em forma de arquétipos e símbolos. Se vasculharmos bem, com a lamparina da consciência, podemos encontrar tesouros inimagináveis!

Seguindo a analogia da confecção da *colcha*, aos poucos, recortando os tecidos, descartando o que não nos interessa e destacando o importante, vamos unindo os retalhos e formando um conjunto que se pretende coerente e bonito, como a *nossa colcha*. Talvez seja esse o grande propósito da vida: descobrir, juntar e costurar os retalhos e, quando o fazemos com equilíbrio e harmonia, chegarmos à individualização, ao processo de nos tornarmos inteiros e únicos, como ensinou Jung. Aliás, equilíbrio e harmonia é o segredo para se confeccionar uma bela colcha, diz a mestra do filme. Também não é este o desafio para se atingir a individualização? Integrar opostos, sermos inteiros, sem nada exagerar ou excluir, como já disse o grande poeta. Velhos pedaços unidos com arte, adquirindo utilidade e novo sentido, num processo constante de autoconhecimento e transformação! É realmente tarefa para a vida inteira!

Quem conduz o *fio* da narrativa que constrói a *trama* é a personagem Finn, jovem de 26 anos, que se vê diante de duas situações que podem representar *ritos de passagem* contemporâneos: o término de uma tese acadêmica e a proposta de casamento. Aparentemente, tem dificuldade com finalizações: é a terceira tese que tenta fazer, sempre acaba se desinteressando antes de terminar e começa outra. “Quando estou para acabar resolvo mudar de assunto”, ela diz.

Já seu namorado Sam parece não temer mudanças: está “*demolindo e reconstruindo*” a casa onde moram. Pediu-a em casamento, em seguida, ela decide

passar o verão com a avó e a tia. Ele a leva, ao se despedirem ela pede que vá buscá-la em setembro. Parece que quer os *“três meses para por a cabeça em ordem”*.

Não por acaso decide por esse lugar: é onde passava as férias de sua infância, para lá ia quando sua mãe resolvia *“viajar com algum namorado”*. O casamento de seus pais durou pouco, *“às vezes o amor simplesmente morre”*, foi o que lhe disseram. As perguntas que lhe perturbam nesse momento de vida são: como saber se achou a *“pessoa certa”* ou como *“virar um casal” sem perder a individualidade?* Será que alguém de nós consegue escapar delas? Na bagagem que leva encontra-se uma foto dela com o namorado e uma da festa de casamento dos pais, além da máquina de escrever. Passado e presente se misturam. Finn procura a terra de sua infância, suas raízes, como para se nutrir e fortalecer antes de tomar as decisões necessárias.

Em Grassi – é esse o nome do lugar – reencontra mulheres que fizeram parte da sua história, como a mal humorada Sophia que a assustava quando criança, ou a misteriosa Mariana, que lhe ofereceu uma taça de vinho quando menstruou pela primeira vez. Novamente a referência a ritos de passagem, celebrações que marcam períodos de transição significativos, como essa taça de vinho e a foto da festa de casamento dos pais.

Finn descobre que o grupo de amigas da avó está preparando uma nova colcha como presente de casamento para ela própria. (E ainda não estava decidida quanto a isso!). No decorrer dos dias, Finn vai conhecendo as diferentes histórias de vida daquelas mulheres, e tem a oportunidade de, inspirada por elas, encontrar respostas para seus próprios conflitos. Como se as mulheres mais velhas lhe oferecessem algo da própria experiência e sabedoria como possíveis *“mapas de viagem”*. Afinal o roteiro

de nossas vidas não muda muito, as grandes questões com que nos deparamos são arquetípicas.

Percebo um paralelo entre o que o filme nos mostra e o que vejo ocorrer nos grupos de Arteterapia. Costuma acontecer assim: a partir de um mito, conto ou tema – como no filme - cada pessoa busca em si suas próprias referências (que podem estar no porão, no sótão ou nos demais locais da casa/psique) e as expressa criativamente, utilizando os recursos disponíveis. Os materiais são escolhidos por corresponderem aos símbolos da história ou assunto focalizado, por estimularem e por facilitarem a expressão dos conteúdos a eles associados. Num segundo momento, cada pessoa olha o próprio trabalho e nele procura se ver, como num espelho, tentando perceber que imagens se formaram ou que “mensagens chegaram”, como se os dois *eus* se encontrassem – o consciente e o inconsciente – e pudessem dialogar (BERNARDO, 2008). Quase invariavelmente, a partir daí passam a ocorrer trocas de experiências, as pessoas falam de si e do que percebem das outras, contam e reveem trechos de sua própria história, compartilham impressões e vivências, encontram pontos em comum ou identificam diferentes pontos de vista, descobrem atitudes parecidas ou completamente opostas diante de situações similares.

É mais ou menos isso o que observamos ao acompanharmos a transformação das mulheres do *clube de costura* enquanto criam quadros de pano representando suas experiências amorosas. Explico: “*Onde mora o amor*” é o tema da colcha e para confeccioná-la, cada uma elabora um quadrado em que representa algo de sua

vivência afetiva, assim lembrando e refletindo sobre sua própria história amorosa, para expressá-la plasticamente num retalho de tecido.

Percebe-se que, ao mesmo tempo em que as mulheres se lembram dos fatos vividos, parceiros, frustrações e alegrias, e expressam esses conteúdos na atividade criativa, passam também a ocorrer profundas alterações na maneira de encararem estes aspectos. Nesse processo de reconstrução da história de vida parece ocorrer a ressignificação das experiências vividas, expressão de sentimentos e emoções, e mudança de perspectivas e atitudes: as irmãs se reconciliam, enquanto as outras resgatam a alegria, a autoestima ou a própria identidade.

Embora todas as histórias sejam interessantes, destaco aqui a de Sophia, a primeira a ser apresentada. Estavam Finn, a tia e a avó à beira da piscina do clube, quando veem a amiga nadando e reclamando por uma criança ter saltado do trampolim. Finn comenta que Sophia *“continuava a assustar as crianças”*, numa alusão à própria infância.

As mulheres passam a recordar e vemos Sophia, jovem e linda, vestida com maiô preto e touca branca, saltando daquele mesmo trampolim e sendo admirada por um belo rapaz forasteiro, que a compara a uma sereia. Apaixonam-se. Segue-se uma linda cena em que ela o leva a um lago paradisíaco, rodeado de densa vegetação, onde costumava nadar. Ele, geólogo, lhe fala da paixão pelas rochas, especialmente onde *“se encontram com as águas”* criando *“os efeitos mais espetaculares. Não há nada como a água para desgastar uma montanha e abrir os segredos dela pra você.”* Fazem planos de viajarem pelo mundo, ele estudando as rochas e ela nadando nos

rios. Bela imagem para a união dos opostos, homem/mulher, terra/água, consciente/inconsciente, não?

A próxima cena mostra o agora marido saindo para viajar, um bebê e S. demonstrando insatisfação por ser deixada de lado e medo de ser abandonada por ele – como aparentemente aconteceu com sua mãe. Ouve a promessa de que, *“quando o bebê crescer”* poderá acompanhá-lo nas viagens. Logo a seguir, vemos S. com mais dois filhos, amarga, dizendo para a filha já adolescente que *“nem sempre conseguimos o que queremos”*, distante do marido que tenta lhe agradar construindo um pequeno lago no jardim, ao qual ela não dá a menor atenção. Num determinado momento ele lhe pergunta por que nunca mais foi nadar ao que ela responde: *“porque me tornei sua esposa, eu acho”*. Mais tarde, parece que ela percebe o distanciamento entre eles e tenta resgatar algo que se perdeu, quando, no meio da noite, fala ao marido para irem nadar naquele lago, mas ele está dormindo e não a ouve. Mais algumas cenas até sabermos que ele a abandona. Interessante observar que ao sair, ele leva consigo o retrato dela como nadadora. Talvez ainda amasse aquela jovem e não mais a reconhecesse na esposa e mãe de seus filhos.

Não posso deixar de lembrar-me da deusa grega Ártemis, livre, identificada com a natureza selvagem. Se pensarmos nesse mito como representando um arquétipo da psique feminina, relacionado a um tipo específico de comportamento, a jovem Sophia me parece personificá-la. Mas algo deu errado na sua proposta de vida. Ártemis escolheu permanecer virgem, por recusar-se a ser mãe e perder sua liberdade (BOLEN, 2005), e parece que esse teria sido o caminho de S. se a maternidade precoce e, provavelmente não escolhida, não a tivesse privado

abruptamente de seu sonho de viajar e conhecer mundo. Talvez tenha perdido algo da própria identidade, abriu mão do que lhe era essencial e assumiu os papéis sociais de esposa e mãe (*persona*).

Talvez por aí consigamos entender sua amargura e ressentimento durante o casamento, como se vingando do homem que a “aprisionou”; sua implicância com as crianças quando se mostram livres ou se divertem e vários de seus comentários, tanto com a filha adolescente, ao lhe dizer que nem sempre se pode ter o que se quer, como depois também com Finn. Talvez esteja havendo algo que costuma acontecer quando temos que reprimir um impulso ou desejo: pode ser que esse conteúdo não assimilado vá para a sombra; sendo inconsciente, é projetado nos outros. Daí o incômodo quando se vê alguém tendo o direito de fazer aquilo que não pudemos, no caso, a liberdade, ou a atitude de “cobrar” do outro aquilo que não fizemos, o uso de anticoncepcivo, por exemplo. É Sanford (2004) quem esclarece que “a projeção é um mecanismo psíquico que ocorre sempre que um aspecto vital de nossa personalidade que desconhecemos é ativado.” (p.17) Apenas material inconsciente é projetado, portanto, assim que a projeção seja reconhecida, este pode, até certo ponto, ser assimilado pela consciência, pois “podemos usar projeções como espelhos em que vemos o reflexo de nossos próprios conteúdos psíquicos” (p.19).

No decorrer do filme, começamos a identificar uma mudança na postura de Sophia. Talvez por ter tido a oportunidade de relembrar a própria história, embora não a tenha relatado; ou por ter elaborado uma imagem através da costura, mas no seu caso específico, parece que houve algo mais. Quando ocorre uma ventania - que simbolicamente pode ser associada a momentos de transformação - como ensina

Bernardo (2010) ao fazer a interpretação simbólica do conto *O quadro de pano* (BONAVENTURE, 1992) - e a tese de Finn se espalha pelas redondezas, algumas folhas chegam ao quintal de S. que passa a recolhê-las. Uma delas cai naquele antigo e desprezado laguinho, então S. descalça os chinelos e pisa na água, apanha a folha de papel e se senta à beira do lago, Fico imaginando o que teria se passado, que lembranças o contato com a água poderia ter lhe trazido. Água simboliza o inconsciente, o mundo dos sentimentos, um elemento familiar na sua juventude, mas de alguma forma abandonado. A água purifica, dissolve a rigidez, cura feridas. (BERNARDO, 2010). Depois disso vemos uma Sophia mais simpática, com o cabelo solto, contando a Finn que recolheu algumas páginas, as passou a ferro porque estavam amarrotadas e as entregou à avó. Não ficou apenas nesse ato de gentileza aparentemente incomum: fez questão de dizer que leu o que pôde e gostou, desejando ler o trabalho todo. E ainda mais surpreendente, disse que Finn é “*uma boa escritora*” e – aí percebemos o que aconteceu – emendou: “*eu era mergulhadora*”. De alguma forma parece ter ocorrido o resgate da própria identidade, da autoestima perdida, algum bloqueio foi dissolvido: “o encontro da água com a rocha cria efeitos espetaculares”. Em linguagem simbólica a lição do geólogo também se aplica nesse caso: “*nada como a água para desgastar uma montanha e mostrar seus segredos*”. Mais adiante vemos Sophia rindo e jogando a cabeça para trás, num gesto jovial, enquanto representa uma jovem nadando no seu quadro de pano, ao mesmo tempo em que se recorda do primeiro encontro com o marido. O tecido que utilizou para simbolizar a água era um pedaço do vestido que usava naquela ocasião. A última cena do filme, linda por sinal, mostra a madura Sophia sozinha, vestida com maiô

preto e touca branca, ao amanhecer, saltando do alto do trampolim num belo mergulho nas águas.

No correr do filme, uma a uma, Finn ouve as histórias relatadas pelas próprias protagonistas, a sós; com exceção da de Sophia, como já disse. Ao mesmo tempo em que cada mulher retoma e se apropria de sua experiência, transformando-se nesse processo, a heroína Finn vai incorporando e assimilando toda essa riqueza, desconstruindo ideias pré-concebidas, atualizando potenciais, vislumbrando novas possibilidades e caminhos. Parece ter encontrado, a partir da sabedoria evidenciada nos relatos das histórias e experiências vividas pelas mulheres mais velhas, referências e novas maneiras de enfrentar sua própria crise existencial. Penso poder relacioná-la ao *ego*, à consciência tendo que dar conta dos desafios da vida cotidiana e sendo “alimentada” pela sabedoria ancestral.

Guttman (2004) fala que a função terapêutica das histórias pode ocorrer quando se escuta, cria, conta ou lê - e me permito incluir, também quando se assiste a um filme -, já que elas “trazem imagens que se passam dentro de nós, [...] com nossos valores, buscas, conflitos e necessidades. Elas atualizam as dimensões pessoais de cada um, possibilitando a consciência e a transformação” (p.259).

Parece ter sido o que aconteceu com Finn, ao ter contato com toda essa riqueza. Além disso, talvez, para a jovem essa vivência tenha proporcionado também a sustentação necessária para o enfrentamento do período de crise, já que, segundo Freitas (1987), nossa sociedade não garante espaço coletivo onde se possam elaborar adequadamente os momentos de passagem. Parece que o contato com as diferentes histórias e experiências das senhoras, representadas nos retalhos que

confeccionaram, proporcionou à jovem protagonista que fosse, aos poucos, se questionando, reformulando suas posições, assimilando padrões e aprendendo; assim como nós, num processo de autoconhecimento, vamos tomando contato com as várias 'personagens' dentro de nós.

Esse processo se explica, segundo Bernardo (2006), porque entrar em contato com diferentes histórias “favorece que tomemos um distanciamento de nossa realidade e suas circunstâncias”, permitindo-nos ampliar a visão a respeito de nós mesmos e da situação atual, e atribuir novos significados à nossa própria história. Assim, ao nos colocarmos no lugar de personagens, seja lendo ou ouvindo um conto ou assistindo a um vídeo “nos descentralizamos para podermos nos enxergar como um outro de nós mesmos, abrindo-se a oportunidade do diálogo interior e da aproximação com os nossos sonhos” (p. 20).

Creio ser possível também fazer uma analogia com a proposição de Whitmont (1991), no sentido de que conhecer e identificar os padrões arquetípicos representados em sonhos, contos e mitos e interpretá-los simbolicamente, favorece a aquisição de maior consciência e compreensão acerca de sentimentos, motivações, impulsos, atitudes e potencialidades a serem desenvolvidas. Nas palavras do autor: “... pode nos proporcionar *insights* de rara profundidade a respeito de fatos e dinâmicas que transcendem nossa percepção consciente e nossos recursos de informação” (p. 47).

No final do filme, vemos a heroína sendo “presenteada com a Colcha, fruto do esforço conjunto e da integração de forças tão distintas; ela a coloca nos ombros,

como um manto, assimilando e se apropriando de toda a riqueza [e sabedoria] ali representada” (DEPRET, 2005, p.95).

A protagonista sai então para encontrar o noivo, ao amanhecer. Junta-se ao *masculino*, integrando as duas polaridades numa união amorosa e criativa, pronta para responder aos desafios de sua vida e “tecer” seus caminhos rumo à autorrealização de maneira mais saudável.

Bem, pelo menos, até que novos desafios se apresentem, exigindo o reconhecimento e a integração de novos símbolos, a alteração de posturas e, por conseguinte promovendo maior amadurecimento psíquico.

A seguir, apresentarei exemplos ilustrativos de atividades expressivas com fios a partir de histórias que têm em comum heroínas cujas vidas são correlacionadas ao atributo de tecer. São propostas que podem ser aplicadas a pessoas de idades variadas e em diferentes contextos, de cunho preventivo, terapêutico ou pedagógico, com o objetivo de auxiliar a ampliação de consciência e a obtenção de recursos psíquicos adequados ao enfrentamento de questões existenciais:

1. Confecção de panô a partir do conto predileto ou história significativa.

Retomando o conceito de mito pessoal apresentado anteriormente, Angwin (1996) sugere “que as histórias que ouvíamos quando crianças e que ainda têm muito ‘valor’ para nós, atraem-nos ou nos fazem tomar partido, têm alguma conexão com o nosso tema central” (p.121).

A partir disso, podemos propor a atividade de *confecção de um panô* (BERNARDO, 2010), recurso indicado para tratar de questões relativas aos vínculos

e relacionamentos, além de possibilitar uma visão mais ampla e a atribuição de “novos significados à nossa história de vida” (p.146).

Material: juta, fios diversos, retalhos de tecidos, botões, lantejoulas, linhas e agulha, cola, apetrechos diversos, etc.

2. Confeção de panô a partir do conto FÁTIMA, A FIANDEIRA (Conto popular grego, recontado por Regina Machado, 2004).

Fátima viveu vários revezes na vida, mas em cada situação de crise aprendeu uma nova habilidade, o que lhe possibilitou ao final ser a única pessoa a construir uma tenda especial para o imperador. Propus a atividade de confeção do panô (BERNARDO, 2008) a partir desta história para um grupo de profissionais da Saúde com o objetivo de favorecer “um olhar mais amplo a respeito do caminho de vida percorrido, dando novo sentido ao que já foi vivido e enxergando novas saídas para os conflitos enfrentados” (DEPRET, 2015, p. 54).

3. Atividade de tecelagem a partir do conto A MOÇA TECELÃ (Marina Colasanti, 2004)

A heroína desta história, após tecer e materializar na realidade todos seus desejos, dando-se conta de que já não estava tão feliz, tirou a linha da navete e, fazendo o movimento contrário, passou a desmanchar todo o tecido. Ao final, com um sorriso, colocou linha nova e passou a tecer novas paisagens.

Proposta: Confeção de uma pequena peça em tecelagem com as cores e fios que escolher, com o objetivo de favorecer o olhar para a própria história, enfatizando

o protagonismo, a capacidade de *tomar os fios da vida nas próprias mãos* e retramar o destino.

Material: pequeno tear de bandeja de isopor, papelão ou montado em uma caixa; barbante/ fios para o urdume; fios coloridos de diferentes espessuras; agulha de tapeçaria; apetrechos para aplicar.

4. Atividade de tecelagem a partir do conto A INFINITA FIANDEIRA (Mia Couto, 2009)

História de uma pequena aranha que tinha o estranho hábito de tecer suas teias criativamente e por prazer, causando preocupação em toda a família. Não lhes dava utilidade, fazia-as “por arte”.

Proposta: Fazer um marcador de páginas com tecelagem, com o objetivo de promover o contato com a própria capacidade de criar: um texto, uma pesquisa, a própria vida..

Arrematando: Considerações finais

Como Penélope, poderia ficar aqui tecendo, ou melhor, escrevendo e buscando histórias indefinidamente, mas já é hora de arrematar, colocar um ponto final e abrir espaço para novas narrativas!!

Quem sabe, esse texto tecido com carinho possa ter inspirado a você, leitor, a remexer no porão ou sótão, a procura de belas histórias, lembrando as que conhece e abrindo-se para novas, com a certeza de que assim estará contribuindo para seu próprio crescimento e o de toda a humanidade!

Assim espero!!

Data de recebimento: 30.01.2020
Data de aceite 1º parecerista: 09.06.2020
Data de aceite 2º parecerista: 18.08.2020

REFERÊNCIAS:

ANGWIN, R. **Cavalcando o dragão – o mito e a jornada interior**. São Paulo: Cultrix, 1996.

BERNARDO, P. P. **A Prática da Arteterapia – correlações entre temas e recursos**. Vol I: **Temas centrais em Arteterapia**. São Paulo: edição do autor, 2008.

_____ **A Prática da Arteterapia – correlações entre temas e recursos**. Vol V: **A alquimia nos contos e mitos e a Arteterapia**. São Paulo: edição do autor, 2010.

_____ **Do caldeirão de sementes à harpa encantada**. In: VIEIRA, M. C. T., VICENTIN, M. C. G., FERNANDES, M. I. A. (org). **Tecendo a Rede: trajetórias da Saúde Mental em São Paulo**. São Paulo: Cabral Editora Universitária, 1999, p. 215-232.

_____ **Oficinas de Criatividade: desvelando cosmogonias possíveis**, in: Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida vol. 2 – artigo especial, p. 8 a 23. (in: www.brasilcentralarteterapia.cjb.net, acessado em 31/05/2006).

BOLEN, J. S. **As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres**. São Paulo: Paulus, 2005.

BONAVENTURE, J. **O que conta o conto?** São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

BYINGTON, C. A. **Desenvolvimento da Personalidade**. São Paulo: Ática, 1987.

- CAMPBELL, J. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT. A. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- COLASANTI, M. **A Moça Tecelã**. São Paulo: Global, 2004.
- COUTO, M. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DEPRET, O. R. **Arteterapia: as deusas gregas e o “fazer arte” num processo de autoconhecimento ou “como fazer uma Colcha de Retalhos”**. São Paulo, 2005. Monografia (Pós-graduação Lato Sensu em Arteterapia). UNIP.
- _____. **Participando de um processo de Arteterapia: uma vivência surpreendente, gratificante e terapêutica para o profissional de saúde**. São Paulo, 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola Paulista de Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo.
- FEINSTEIN, D.; KRIPPNER, S. **Mitologia Pessoal: A Psicologia Evolutiva do Self**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- FREITAS, L. V. **A psicoterapia como um rito de iniciação: estudo sobre o campo simbólico através de sonhos relatados no self terapêutico**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1987.
- FURLANETTO, E. C. **Os caminhos de construção de uma pesquisa simbólica**. Em: SOUZA, E. C., PASSEGGI, M. C. (org.) **Pesquisa (auto)biográfica: cotidiano, imaginário e memória**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- GUTTMANN, M. **A criação literária na arteterapia** (nas páginas das histórias e da poesia). Em: CIORNAI, S. (org.). **Percursos em arteterapia: ateliê terapêutico**,



arteterapia no trabalho comunitário, trabalho plástico e linguagem expressiva, arteterapia e história da arte. São Paulo: Summus, 2004. V. 63.

JUNG, C. G. **A Natureza da Psique**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

MACHADO, R. **O Violino Cigano e outros contos de mulheres sábias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SANFORD, J. A. **Os Parceiros invisíveis**. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVEIRA, N. **Jung: vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

WHITMONT, E. C. **O Retorno da deusa**. São Paulo: Summus, 1991.

Artigo Relato de Experiência

As Tarefas do Humano na Fase Jovem/Adulto

Modulações Permeadas pela Arteterapia em um Tempo e Espaço

The Human's Tasks in the Young/Adult Phase

Modulations Permeed by Art Therapy in a Time and Space

Lidia Lacava

“Sei que você não tem a chave. Ninguém nunca a teve.

Não precisamos de chave. A porta está aberta.

Entre em sua casa!”

Pierre Lévy

Resumo

Este artigo traz um recorte do início de atendimentos realizados com jovens adultos em busca de um sentido maior para suas vidas. A Arteterapia vem como um experimento mediador para facilitar a criação do vínculo e a explicitação da angústia interna que gerou a demanda para a busca terapêutica. A fundamentação teórica apoia-se na Gestalt-terapia que busca no “lá-e-então” rever as experiências vividas e as decisões tomadas como possibilidades para ressignificar o “aqui-agora”. A postura do terapeuta também é abordada ao descrever a importância do exercício do olhar atento e da escuta empática ao entrar em contato com o ser humano que chega até ele com passos frágeis e sensíveis.

Palavras-chave: Fase jovem/adulta. Gestalt-terapia. Arteterapia. Sentido da vida.

—

Mestrado em Educação Arte e História da Cultura (Mackenzie). Especializações em Psicopedagogia e Arteterapia (Inst. Sedes Sapientiae). Especialização em Arte Reabilitação (AACD). Especialização em Psicologia Analítica (Unicamp/Profa. em Pós-graduação em Psicopedagogia e Arteterapia..

Orienta grupos de estudo e supervisão.

Contato: lidialacava@gmail.com

Abstract

This article presents an excerpt from the beginning of appointments with young adults in search of a greater meaning for their lives. Art therapy comes as a mediating experiment to facilitate the creation of the bond and the explanation of the internal anguish that generated the demand for the therapeutic search. The theoretical foundation is based on Gestalt-therapy that seeks “there-and-then” to review the experiences and decisions taken as possibilities to redefine the “here-and

Key words: Young Adulthood. Gestalt therapy. Art therapy. Sense of life.

Pensar a fase jovem/adulta do ser humano é fazer um exercício do já vivido e experienciado na infância e adolescência. Ciclos de vida que deixam suas marcas entre o “querer” e o “poder” – embates constantes que perdurarão por toda vida, entretanto, em cada fase, com uma característica peculiar.

Na infância há muitos querereres que, por questões várias, não podem efetivamente se tornarem poderes. A criança quer algo, mas se depara com limites, interdições e frustrações que se fazem necessários para o desenvolvimento de uma personalidade em construção.

Já na adolescência a busca pela concretização do fazer vem pelas experiências do querer – agora mais desafiadoras, não menos interditas, mas que são acompanhadas pela busca de competências e uma nova identidade. As fronteiras e limites que surgem, nesta fase, se apresentam como atividades iniciáticas que preparam o jovem para vivenciar as tarefas que fazem parte do percurso humano, em um tempo e espaço determinados, mas que não deixam de trazer a característica da

impermanência – tudo sempre em constante movimento. É neste momento que medos, carências, defesas, repressões começam a trazer um sentido e uma justificativa maior para o comportamento do jovem.

Este momento da vida marca a entrada para a fase adulta que, apoiando-me nos estudos da Gestalt-terapia, criada por Fritz Perls (psiquiatra e psicoterapeuta) pode ser dividida em adulto/jovem (entre 18 e 28 anos) e adulto (entre 28 e 42 anos). São períodos que se iniciam pela tomada de decisões apoiada em escolhas e buscas permeadas por angústias, surgindo situações que trazem medos que podem vir do desconhecido, do fracasso, da falta de confiança em si e nos outros. Logo em seguida, a partir dos 28 anos, surge o tempo em que se espera que haja uma estabilidade maior na vida, em que se busca dar conta do mundo.

Essa época, se as anteriores foram bem vivenciadas, com clareza e determinação, poderá tornar o terreno fértil com significativas realizações. Entretanto, se continuaram a surgir percalços, o adulto poderá vivenciar um momento de total perda de sentido de suas ações, com a sensação de encontrar-se preso a um labirinto, com experiências do “lá e então” – passado – que o aprisionaram e deixaram feridas que ficaram à espera de um bálsamo para que pudessem ser olhadas e curadas.

É o grande momento da busca de um sentido maior para a existência – perguntas que coroam essa fase: *“Quem sou eu? Por que estou aqui neste momento e neste lugar? Para onde devo ir? Qual o sentido disto tudo?”*

Ações, crenças, paralizações e buscas pela liberdade de ser quem efetivamente veio para ser. Tais comportamentos permeiam de maneira significativa essa fase do existir humano, caracterizando o grande mistério da vida: *Como o ser humano poderá tomar posse de sua singularidade, de sua presença existencial sem se abalar pelos questionamentos, expectativas e olhares do outro?* Para responder a essas questões trago Adélia Prado, grande poetisa e mestra nas palavras, que nos diz que “*qualquer resposta é uma gota para o tamanho da pergunta!*”

São essas modulações do existir que marcam a travessia do “ser e estar no mundo” e que levam o sujeito a buscar respostas aos seus questionamentos junto com um outro – esse outro refiro-me ao terapeuta! Este deve se apresentar com uma presença empática, renunciando à onipotência e estar ciente da necessária humildade que deve caracterizar suas atitudes. É dessa maneira que se constitui o encontro: “o humano ao lado de outro humano” – ambos em seus processos de travessia!

Gilberto Safra (2004) nos fala com maestria desse momento:

O percurso do indivíduo por meio das condições necessárias ao acontecer humano permite-lhe apropriar-se de uma ética, a *ética do ser*, que não é aprendida por regras de comportamento, mas que emerge desse percurso [...] ao voltarmos o olhar para a situação clínica, veremos que ela se caracteriza pelo *cuidado* que estabelece as condições necessárias ao acontecer humano. Esses são fatos que me levam a afirmar que a clínica é essencialmente ética e a ética é clínica! (págs. 16-17)

A característica essencial desse encontro é o seu *caráter dialógico*, isto é, a qualidade da relação entre cliente e terapeuta que não se situa no *eu* nem no *tu*, mas

no *entre* – é neste espaço potencial que poderá surgir a ampliação da consciência para que o cliente possa ir ao encontro de sua essência, entrar em contato com suas crenças limitantes e, através do heterossuporte oferecido pelo terapeuta, ir ao encontro do seu autossuporte.

Dessa maneira, por meio do dialógico que marca a qualidade do contato, abrem-se possibilidades para que o indivíduo reveja sua história buscando acessar situações que deixaram marcas e que, agora, com a ajuda do terapeuta, procurará entrar em contato novamente com elas, mas buscando revê-las com a possibilidade de dar outro contorno ou significado para as mesmas.

São *gestalts* inacabadas que serão retomadas para serem restauradas e fechadas através de “ajustamentos criativos”. Esses elementos, sob o meu ponto de vista, se relacionam de maneira significativa com a Arteterapia. São expressões que considero como uma das propostas da Gestalt-terapia que traz, em seu cerne, a possibilidade incessante de o ser humano tornar-se efetivamente “quem ele é” – a busca constante do “ser-si-mesmo”.

Cito Jozeph Zinker que em seu livro “*Processo Criativo em Gestalt-terapia*” (2007) define a palavra “criatividade” afirmando que:

A criatividade não é somente a concepção; é o ato em si, a realização do que é urgente, do que exige ser anunciado. Não é apenas a expressão de toda a gama de experiência de um indivíduo e de sua sensação de singularidade, mas também um ato social – o compartilhamento dessa celebração, dessa afirmação de viver uma vida plena, com seus semelhantes (p. 15).

Definição profunda que nos traz uma das ideias fundantes dessa teoria. Criatividade como algo que é urgente, que exige ser anunciado e, quando se fala em “ajustamento criativo” em um processo terapêutico, tal expressão apresenta a grande mudança daquilo que deverá ser transformado, desvelado como algo inovador e integrador na existência do sujeito. É através dele que se resgata o fluxo do crescimento, fazendo com que o sujeito possa se perceber novamente “real” e inserido, com outra qualidade de presença, na morada humana.

Gestalt e “ajustamentos criativos” são expressões que dialogam de maneira significativa com a Arteterapia. Esta busca, através de experimentos em Arte, da observação e descrição dos elementos que compõem a criação de um símbolo vai ao encontro de processos que podem não só ampliar a percepção e consciência do sujeito que as faz, mas também trazer a “cura” no sentido de um maior entendimento do significado intrínseco da própria criação.

É neste momento que se percebe a importância da Arte como meio de expressão do sujeito. Desenho, pintura, colagem, modelagem são alguns dos experimentos que o arteterapeuta pode oferecer àquele que o procura. A imagem criada e objetivada revela o que se passa nas profundezas da psique. O símbolo que se manifesta através da criação nos mostra, de maneira sutil, a função do imaginário. O momento da criação e seu *continuum* oferece ao sujeito vivências que facilitam o contato com seu mundo interno que, naquele momento, poderá estar habitado por lembranças ou emoções significativas que, muitas vezes, não conseguem ser percebidas ou entendidas. Quando o mundo interno começa a ganhar forma através

da produção artística (qualquer que seja ela) é que acontece o tempo de transformar-a-ação. Desvela-se aquilo que estava invisível, que habitava o espaço subjetivo, a morada interna do paciente. Os habitantes dessa morada são amigos ou predadores?! Grande desafio para nosso autoconhecimento.

Verena Kast, psicóloga junguiana, uma das grandes referências no tema da linguagem simbólica, nos apresenta em seu livro “A imaginação como espaço para a liberdade” (1988) a importância das representações imagéticas.

Nossas representações sempre mostram algo a respeito de nossa disposição emocional em certo momento e, se comparadas por mais tempo, podem nos dar informações a respeito de nossos grandes problemas e possibilidades emocionais (p. 23).

Neste sentido, o papel do arteterapeuta não é o de interpretar as imagens produzidas, mas ser o suporte, o continente disponível para receber essas representações. Seu cliente, ao contatar a imagem criada, por meio do experimento exercitado, poderá ser seu próprio curador, e saberá reconhecer novas possibilidades para seu caminhar. Entretanto, deverá estar aberto e disponível para a grande mudança.

Alexandra Duchastel (2008) nos comprova esse acontecimento com palavras primorosas e ao falar de seu processo de transformação através da Arte diz:

Meu maior mestre foi meu próprio caminho de cura por meio da arte. Ele me ensinou que nossas imagens íntimas, nossas obras de arte e nossos sonhos são a expressão privilegiada de nossa sabedoria interior e que não existe receita miraculosa para compreendê-los. Trata-se simplesmente de ouvi-los, de venerá-los, de se deixar levar por eles e admitir que eles têm alguma coisa a nos ensinar (p. 21)

Vemos, assim, como o tempo presente, do aqui-agora, vivenciado em propostas arteterapêuticas, dialoga de maneira significativa com o espaço interno, espaço de acolhimento e de escuta que contribuirá para que o indivíduo entre em contato com suas dúvidas e anseios, com seus personagens internos, buscando ressignificá-los.

Um dos objetivos centrais da Arteterapia de fundamentação Gestáltica é ampliar a consciência do cliente sobre sua forma de se relacionar consigo mesmo, com os outros e com o mundo à sua volta e mostrar a ele um caminho de maior autonomia e independência, contando com seus próprios recursos internos.

Ao se falar da fase adulta, pergunta-se: *que fase é esta?* Ela marca o final da maturação biológica, a importância e as influências da relação indivíduo-meio, nos seus espaços de convivência: família, amigos, colegas de trabalho, outros. Ao lado desses espaços externos, tem-se o espaço interno onde vivências intrapsíquicas marcam seu jeito de ser e estar no mundo. *E quais seriam as tarefas do existir humano nesse momento?*

Para apresentar algumas das características dessa fase, faço um paralelo com a produção de alguns adultos que atendo em consultório com o suporte da Arteterapia. São pessoas que continuam vivenciando seus ciclos existenciais e, o recorte que apresento, está voltado para o início dos trabalhos, o motivo que os impulsionou a buscarem um suporte terapêutico.

Assim é que, uma das tarefas básicas dessa fase, é a busca pela verdadeira identidade do sujeito, que vivencia momentos angustiantes de medos, fracassos, inseguranças e peregrinações. São sentimentos difíceis que poderão paralisar a caminhada.

Coloco abaixo, uma atividade com colagem realizada por **P.**, 25 anos, jovem arquiteta, que chega até nós dizendo não suportar mais o trabalho em uma empresa multinacional. Embora tenha um bom salário, seja bem-vista pelos colegas, pede demissão e se questiona: “*do que preciso para me realizar como ser humano?*” (sic)



“Ser x ter” (sic) = esse é o grande desafio de **P.** em suas próprias palavras.

Nota-se, pelas imagens escolhidas, como seus pensamentos invadem-na de maneira desesperadora. Nessa fase é muito comum o jovem adulto, já formado em uma faculdade, chegar à conclusão de que o que escolheu para sua formação não corresponde, efetivamente, ao que pretende realizar como caminho de vida (pessoal e profissional). Esse momento vem acompanhado de sentimentos contraditórios de culpa, perdas, consequências inesperadas das escolhas.

Pensar sobre os papéis assumidos até esse momento de sua vida e discriminá-los dando, a cada um, o seu devido valor e lugar foi uma proposta que trouxe, para P. momentos de reflexão enquanto filha, irmã, mulher e profissional. Todas as sementes misturadas foram oferecidas a ela que teve a tarefa de separá-las por espécie e depois reorganizá-las dentro de um círculo – formando um mandala.⁴ Nesse processo do separar e reorganizar foi revendo e ressignificando os seus desejos dos desejos dos outros, o sentido das coisas, suas reais necessidades, o prazer do desprazer.

Uma das tarefas existenciais da fase adulta é exatamente esta: tudo parece confuso, a pessoa sente-se levada pelo cotidiano de maneira caótica e, repentinamente, surge a grande questão: *Ser ou Ter?* qual valor é essencial para uma vida que seja plena em sentido e com um significado mais realizador.



Sementes misturadas



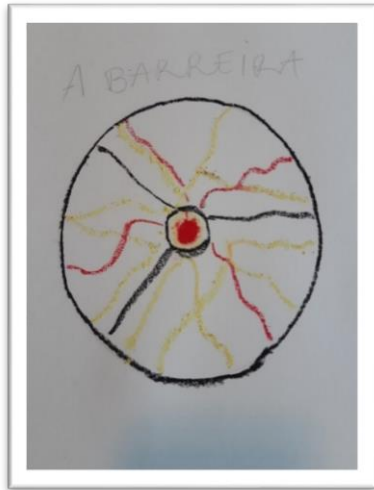
Sementes organizadas

⁴ Esta atividade foi baseada na 1ª. Tarefa de Psiquê para resgatar o amor de Eros – retirada do livro: **Eros e Psiquê- um caminho possível para pensar a docência**. Lacava, L. São Paulo: Editora Porto de Ideias, 2018.

Ao realizar a separação e composição das sementes em uma Mandala, permitiu-se pensar e rever papéis assumidos, tarefas recebidas de maneira imposta, trazendo novas possibilidades para restaurar essas histórias e demandas. Reorganizar as sementes, simbolicamente, trouxe à jovem a percepção de que somente ela é responsável por esse novo olhar, cabe tão somente a ela, uma ação assertiva embasada nos seus reais desejos e sonhos. A nova organização das sementes, escolhendo as que irão compor sua mandala, implica em uma reorganização psíquica para novas possibilidades que marcarão um novo vir-a-ser.

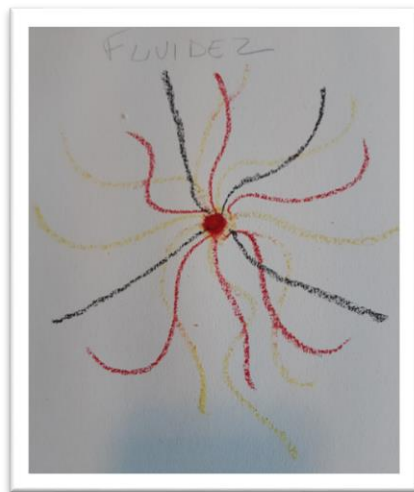
...

Em seguida, apresento a primeira atividade de F., 28 anos, jovem formado em Pedagogia, que sente a sua grande chamada para a música e o teatro. Passou em concurso público e acabou sendo inserido em um setor de uma Instituição Educacional para fazer um trabalho burocrático e repetitivo. Sente-se preso, angustiado pensando em pedir exoneração do cargo para poder trabalhar naquilo que efetivamente gosta e, assim, ir à outra formação. A proposta do desenho veio a partir de um elemento existente na sala de atendimento e, sendo capturado por ele, ampliou a imagem expressando-se, por meio dela, como percebia sua energia: *“Sinto-me preso. Quero expandir, mas são muitas interferências que funcionam como barreiras para essa expansão”* (sic).



Registro de **F.** - Atividade com giz pastel – nomeada “A barreira.”

A partir da primeira criação, e depois de esta servir de elemento mediador para **F.** falar sobre seus sentimentos de insatisfação, como perda de um sentido maior para seu trabalho, peço para que o sujeito, plasticamente, mude a imagem criada – produção abaixo.



Registro de **F.** - Atividade elaborada em outra sessão, nomeada – “Fluidez”.

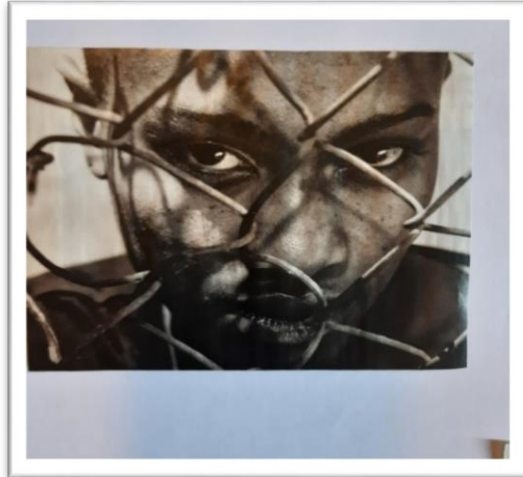
Através da ressignificação da primeira imagem denominada – “barreiras” **F.** criou plasticamente, na segunda imagem, a saída “daquela prisão”, nomeando sua produção de “fluidez”.

Aqui tem-se um exemplo do exercício da descrição objetiva e subjetiva da imagem criada. Fala objetiva: apresenta os elementos da forma criada, como tipo de linha, cor, movimento e tamanho. Já na descrição subjetiva, a proposta é para dizer o que sentiu e imaginou com essa produção. Ao falar sobre as características e sensações que a imagem criada lhe trazia, era como se **F.** fosse percebendo novas possibilidades para seu momento presente e se fortalecendo para ir ao encontro daquilo que realmente deseja para sua vida. Consegue, aos poucos, ir restaurando de seu “eu interior”, uma energia psíquica que estava bloqueada. É um jovem que se entrega totalmente à terapia e nota-se, ao elaborar as propostas, ao dialogar com as imagens como, aos poucos, através de *awareness* ele se fortalece para ir à procura daquilo que realmente lhe faz sentido.

Awareness, outro elemento fundamental na abordagem da Gestalt, nas palavras de Selma Ciornai (2004) consiste em:

Awareness é uma forma de experienciar. É o processo de estar em contato vigilante com os eventos mais importantes do campo indivíduo-meio, com total suporte sensório-motor, emocional, cognitivo e energético [...] A abordagem gestáltica em Arteterapia, tem como um dos princípios básicos o de trabalhar pela constante ampliação de *awareness* e pela descoberta de novas possibilidades e horizontes, com base em uma abordagem que estimula a expressão, a elaboração e a criatividade pessoal de forma prazerosa, inovadora e envolvente, porém rigorosamente fundamentada na epistemologia e na metodologia fenomenológica” (p. 37).

O mesmo tema também foi trabalhado com **F.** a partir da colagem – por meio da qual apresento um pequeno recorte, que sugere de maneira contundente como ele se sente no início da terapia. Sentimentos de perda, de fracasso dão visibilidade ao seu mundo interno.



Registro de F. – Atividade com colagem. Sensação de estar literalmente preso. Sem saída.



Registro de F. – Atividade com colagem. Mundo desconexo. Tudo solto, cabeça sem conseguir pensar.

Percebo que ao propor a ampliação de atividades em arte, questões que levaram o sujeito à terapia, tornam-se claras e explícitas, abrindo um campo de possibilidades para reflexões, questionamentos e novos olhares a fim de destravar situações paralisantes e angustiantes.

Assim sendo, *awareness* mediada pela Arte, possibilita a vivência daquele momento especial, onde sujeito e experimento criado, por meio de um exercício dialógico consigo próprio e com o terapeuta percebe, amplia e integra novas *gestalts*.

O jovem, mergulhado em sua história de vida (tempo e espaço existenciais) resgata um processo de autotransformação, intensificando suas forças cognitivas e emocionais.

Outra tarefa da fase jovem/adulta surge, quando o indivíduo revê seus papéis (familiares, profissionais e sociais) reorganizando sua existência. *Como atua nesses contatos? Qual máscara/persona não condiz com sua essência e por conta de quais fatores continua a usá-la? O que lhe traz realização e conforto? O que lhe traz medo, solidão e angústia?*

Em uma leitura simbólica, discriminar esses papéis, diferenciando os seus desejos dos desejos dos outros, o sentido das coisas, suas reais necessidades, o prazer do desprazer, são tarefas que exigem coragem e determinação e que trazem outra qualidade para as travessias existenciais.

Ainda com a colagem **F.** denuncia os sentimentos contraditórios que o estão incomodando.



Registro de **F.** – Atividade com colagem.

*“Não quero dizer que essas máscaras não existam, mas preciso dar um sentido a elas! Infância, adolescência, vida adulta o que permanece como essência minha?”
(sic)*

Nesta fase, o adulto busca dar uma explicação existencial para as decisões, escolhas e perdas que viveu até esse momento. Quais seriam as renúncias necessárias? Para tal, há necessidade de se adotar uma postura flexível e se perceber como alguém que traz sua marca, sua singularidade inserida na totalidade das relações humanas. São os mistérios que caracterizam o próprio existir e o existir com o outro.

Numa relação de ajuda, numa relação terapêutica, penso sempre que somente o ser humano, que consegue se ver inserido em seu tempo presente, em seu espaço subjetivo e objetivo (eu / eu-no-mundo) consciente de seus recursos e de suas possibilidades poderá ser capaz, diante de um desafio existencial, de exercitar um reposicionamento singular e pessoal, de inovar integrando suas inseguranças e medos à sua nova disponibilidade e intenção de agir. Quando penso nessa inserção do sujeito no seu campo de atuação, refiro-me às suas características genéticas, sua história familiar, sua atuação sociocultural, seus eventos inter- e intrapsíquicos. Confere-se, dessa maneira, toda a capacidade de subjetivar, de se apropriar das experiências que acontecem no campo organismo-meio. Busca-se um todo mais coerente e consciente, não deixando de validar medos e desafios que possam acontecer novamente!

Por meio das reflexões desse texto, busquei legitimar a importância e o lugar do (arte)terapeuta em seus atendimentos, onde deve buscar restaurar histórias de vida, resgatando a criatividade e a espontaneidade de seu cliente.

Desta maneira, busca-se colaborar para que as tarefas do humano, na fase adulta, tornem-se possibilidades de autoconhecimento, de ampliação da consciência, modulando gestos e ações que fazem parte da morada existencial daquele que nos procura. Tudo o que é relevante está no tempo presente que inclui o recordar e o viver... modulações do tempo no espaço existencial.

Finalizo trazendo a profundidade das palavras de Beatriz Cardella (2017), que tão bem descreveu a tarefa do terapeuta. Ele deve:

Tornar-se o terapeuta anfitrião, o outro-raiz criando o espaço de morada para seu cliente poder parar o perambular e reiniciar a travessia de seu caminho-tempo. Exercitar o enraizamento e a abertura, pois o ser humano, desde as tradições sagradas é mistério encarnado... é ser alado!

Data de recebimento: 30.06.2020

Data de aceite 1º parecerista: 21.08.2020

Data de aceite 2º parecerista: 10.09.2020

Referências:

CARDELLA, B.H.P. **De Volta para Casa**. 2017. Amparo/SP: Artes Gráficas Foca.

CIORNAI, S. **Percursos em Arteterapia**. 2004. São Paulo: Editora Summus.

DUCHASTEL, A. **O Caminho do Imaginário**. 2008. São Paulo: Paulus Editora.

KAST, V. **A Imaginação como Espaço de Liberdade**. 1997. São Paulo: Edições Loyola.

SAFRA, G. **A Po-ética na Clínica Contemporânea**. 2004. Aparecida/SP: Editora Ideias & Letras.

ZINKER, J. **Processo Criativo em Gestalt-terapia**. 2007. São Paulo: Editora Summus.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

1. A Revista de Arteterapia da AATESP recebe trabalhos encomendados ou remetidos espontaneamente pelos autores para publicação nas seguintes seções: artigos de pesquisa, artigos de revisão teórica, relatos de experiência, resenhas e resumos de monografias, dissertações e teses.
2. Antes do encaminhamento dos trabalhos para o Conselho Editorial da Revista da AATESP, estes devem ser submetidos à revisão da língua escrita por um profissional habilitado, ficando para o parecerista a responsabilidade pela análise do conteúdo do trabalho.
3. Os artigos situados dentro da categoria “Relato de Experiência” devem ser submetidos por profissionais arteterapeutas ou estudantes de Arteterapia credenciados pelas Associações Regionais de Arteterapia filiadas à UBAAT – www.ubaat.org.
4. Em caso de artigos de profissionais de outras áreas que fizerem uso da Arteterapia em seus trabalhos de pesquisa, estes poderão ser su
- 5.
- 6.
7. bmetidos à nossa apreciação, desde que assinados por um profissional arteterapeuta, co-autor, validando as intervenções arteterapêuticas aplicadas e obedecido o mesmo critério do item anterior em relação ao mesmo.
8. Trabalhos de cunho teórico com o objetivo de contribuir para a expansão dos estudos na área da arteterapia também podem ser apresentados para nossa apreciação, haja vista a importância da relação da arteterapia com outras áreas do conhecimento.
9. Os artigos e relatos de experiência devem conter no máximo 20 páginas, incluindo as referências bibliográficas; as resenhas, 4 páginas; e os resumos de monografias, dissertações e teses, 1 página.
10. O autor deve enviar o trabalho somente para o e-mail textos.aatesp@gmail.com, em extensão “.doc”, com fonte Arial, tamanho 12, formato A4, com margens de 2 cm e espaçamento duplo. As referências devem ser inseridas ao final do texto e as notas de rodapé devem se restringir àquelas efetivamente necessárias.
11. Os artigos devem ser acompanhados de resumos, com até 200 palavras, além de um mínimo de 3 palavras-chave. O título, o resumo e as palavras-chave devem ser apresentados em português e inglês.
12. No envio do trabalho, o autor deve encaminhar arquivo com carta assinada em formato “.jpg” ou “.pdf”, explicitando a intenção de submeter o material para publicação na Revista Arteterapia da AATESP, com cessão dos direitos autorais à Revista.
13. O nome do autor ou quaisquer outros dados identificatórios devem aparecer apenas na página de rosto. O título deve ser repetido isoladamente na primeira página iniciando o texto, seguido do resumo e palavras-chave, conforme instruções do item 6.
14. O autor deve anexar, na página de rosto, seus créditos acadêmicos e profissionais, além do endereço completo, telefone e e-mail para contato.
15. Não deve haver ao longo do texto ou no arquivo do artigo qualquer elemento que possibilite a identificação do(s) autor(es), tais como papel timbrado, rodapé com o nome do autor, dados no menu “Propriedades” do Word.
16. O conteúdo do trabalho é de inteira responsabilidade do autor.

EXEMPLOS DE REFERÊNCIAS e CITAÇÕES

Os trabalhos devem seguir orientações estabelecidas pela norma NBR-6023 da ABNT, quanto a:

a) Referências bibliográficas. Exemplos:

◆ Livros

RHYNE, J. **Arte e Gestalt: padrões que convergem**. São Paulo: Summus, 2000. 279p.

◆ Capítulos de livros

NOGUEIRA, C. R. Recursos artísticos em psicoterapia. Em: CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004. p. 219-223.

◆ Dissertações e teses

VALLADARES, A. C. A. **Arteterapia com crianças hospitalizadas**. Ribeirão Preto, 2003. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

◆ Artigos de periódicos

BERNARDO, P. P. Oficinas de criatividade: desvelando cosmogonias possíveis. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, v. 2, n. 2, p. 8-23, 2006.

◆ Trabalho de congresso ou similar (publicado)

SEI, M. B. e GOMES, I. C. Family art therapy and domestic violence: a proposal of intervention. In: IARR Mini Conference, 2005. **IARR Mini-Conference Program-Abstracts**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2005. p. 23-23.

b) Citações de autores no decorrer do texto (NBR 10520/2002)

Citações são elementos extraídos de documentos pesquisados e indispensáveis para a fundamentação das ideias desenvolvidas pelo autor. As citações podem ser diretas e indiretas.

A forma de citação adotada pela Revista será o sistema **autor-data**. Neste sistema a indicação da fonte é feita: pelo sobrenome de cada autor ou nome de cada entidade responsável, seguido(s) da data de publicação do documento e da(s) página(s) da citação, no caso **de citação direta**, separados por vírgula e entre parênteses. Exemplos:

“Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados.” (VALLADARES, 2008, p. 81)

Ou,

Valladares (2008) explica que “Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados” (p.81).

- ◆ **Citações diretas com menos de três linhas** devem vir entre aspas duplas, no próprio corpo do texto. Exemplo:

Allessandrini (1996) aponta que “a expressão artística pode proporcionar ao homem condições para que estabeleça uma relação de aprendizagem diferenciada” (p. 28).

- ◆ **Citações diretas com mais de três linhas** devem ser restritas ao mínimo necessário e não exceder 10 linhas. Quando utilizadas devem figurar abaixo do texto, com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra 10 e sem aspas. Exemplo: Goswami (2000) explica que:

... nós não podemos desenvolver uma identidade-ego sem a criatividade. Quando crianças, somos naturalmente criativos, na medida em que vamos descobrindo a linguagem, a matemática, o pensamento conceitual, as habilidades, e assim por diante. Na medida em que nosso repertório de aprendizado cresce, nossa identidade-ego cresce também. (p. 67)

- ◆ **Citações indiretas** devem traduzir com fidelidade o sentido do texto original do texto e geralmente tratam de comentários sobre ideias ou conceito do autor. São livres de aspas e não precisam de página. Exemplos:

De acordo com Freud (1972) os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio.

Ou,

Os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio (FREUD, 1972).

- ◆ Não se indica a inserção de notas de rodapé, que devem se restringir ao mínimo necessário. São digitadas dentro das margens ficando separadas do texto por um espaço simples de entrelinhas e por filete de 3 cm a partir da margem esquerda=]]